

Deleifson
AMERICO VALERIO

FORM 4
928
6729v

GRAÇA ARANHA

Tu duca, tu signore, e tu
maestro.

DANTE — INFERNO, CANTO II

EDIÇÃO: 5.000 EXEMPLARES

1932
Typ. Aurora - H. Santiago - S. Pedro, 213
Rio de Janeiro

“A vida é a luta, é o crime. Todo o gôso humano tem o sabor do sangue, tudo representa a vitória e a expansão do guerreiro. Tu eras grande quando a tua sombra sinistra de solitario passeava nos Alpes e amedrontava os ursos.

Mas quando o amôr penetrou em ti, começaste a minguar; *a tua figura de homem* vae se apagando, *e eu verei o teu semblante um dia sem luz, sem vida, sem força, mirrado pasto da tristeza”.*

GRAÇA ARANHA, — *Chanaan*,
8.ª edição, pag. 70.



“Que sou eu então? Que verme, que atomo miseravel, que se não governa, que não póde amar o que quer, que se não póde identificar (sic), com todas as moleculas do mundo? (sic). Que sou eu, onde leis imperiosas, perversas, me dominam, me vencem o novo sangue?”

GRAÇA ARANHA, — *Chanaan*,
8.^a edição, pag. 273.

“No Brasil só o negro e o índio são interessantes. Tudo o que é branco é artificial e postiço. E’ literatura e não realidade. Esta é barbara, rudimentar. A arte, que a exprimir, deve ser primitiva e rude. O menor vestigio de cultura a desnacionaliza (sic). O que este ambiente devia suscitar seriam escritôres, poetas, artistas, em que o sangue negro ou indigena predominasse.

Só estes estariam equilibrados (sic) neste ambiente barbaro.

E’ necessaria a gota de sangue negro ou índio para ser o artista desta selvageria. Escritôres e artistas cultos, que fazem propositalmente arte primitiva, fazem literatura.

Sentem-se o esforço e intenção que tráem o artificio.

Um verso de um poeta mestiço, inculto, tem mais poesia, mais naturalidade” (sic).

“Meu Amôr, eu te ouvi. A tua voz era um encanto e todo o meu sêr se exalta. Como é suave e doce a voz do meu amante! Como me sinto feliz, que gloria, que beleza!

A minha alma está recolhida, cheia do teu amôr sublime, o meu sêr inteiro envolto misticamente (sic), pelo canto da paixão no extase maravilhoso (sic).

Suprema (sic) força do amôr, a tua ansia de liberdade, a firmeza do teu carater, a tua divina esperança.

Exaltação...”

“... Eu te venero e, na magia (sic) da paixão incomparavel, seremos um só para a eternidade”... (sic).

GRAÇA ARANHA, — *A Viagem Maravilhosa*, 1929, pag. 275.



"... O Belo é a mais pura mistificação dos homens e mulheres.

Bem pesados os fatos, entretanto, ainda muitíssimo mais das mulheres".

AMÉRICO VALERIO, — *Cinza de meu cachimbo*, 1928; 2.^a edição, 1931, pag. 109.

“... A vida, humana e social, depende dos instintos freudianos.

Sômos nada em face destes instintos.

Energia misteriosa, que executa a nossa sentença, já predestinada na herança.

Acções superiores ou nocivas, que representam o arcabouço intimo de nosso inconsciente em pelejas inglorias, resultam dos conflitos de nossos instintos, que alguns refrêam pela força de vontade, ou intimidados pelos cartorios policiaes.

Mas outros jomais os podem conter.

Fenomenos os mais disparatados, passageiros ou definitivos, ai perpassam, chumbando ao nosso sub-consciente o labéo irremediavel. O rótulo fatal.

Num redemoinhar constante as nossas vaidades se esbarrondam aos impulsos inexoraveis da herança impiedosa.

Dôres, satisfações, heroismos e depravações, se sucedem, de um momento para outro, em individuos, que reputavamos normais.

Chegamos até a nos desconhecer.

Um panorama estranho nos anima.

As surpresas e os enigmas dos instintos e das paixões mostram a pequenez de nossa carapaça humana em contraste com a carga inevitável do contrapêzo hereditario”.

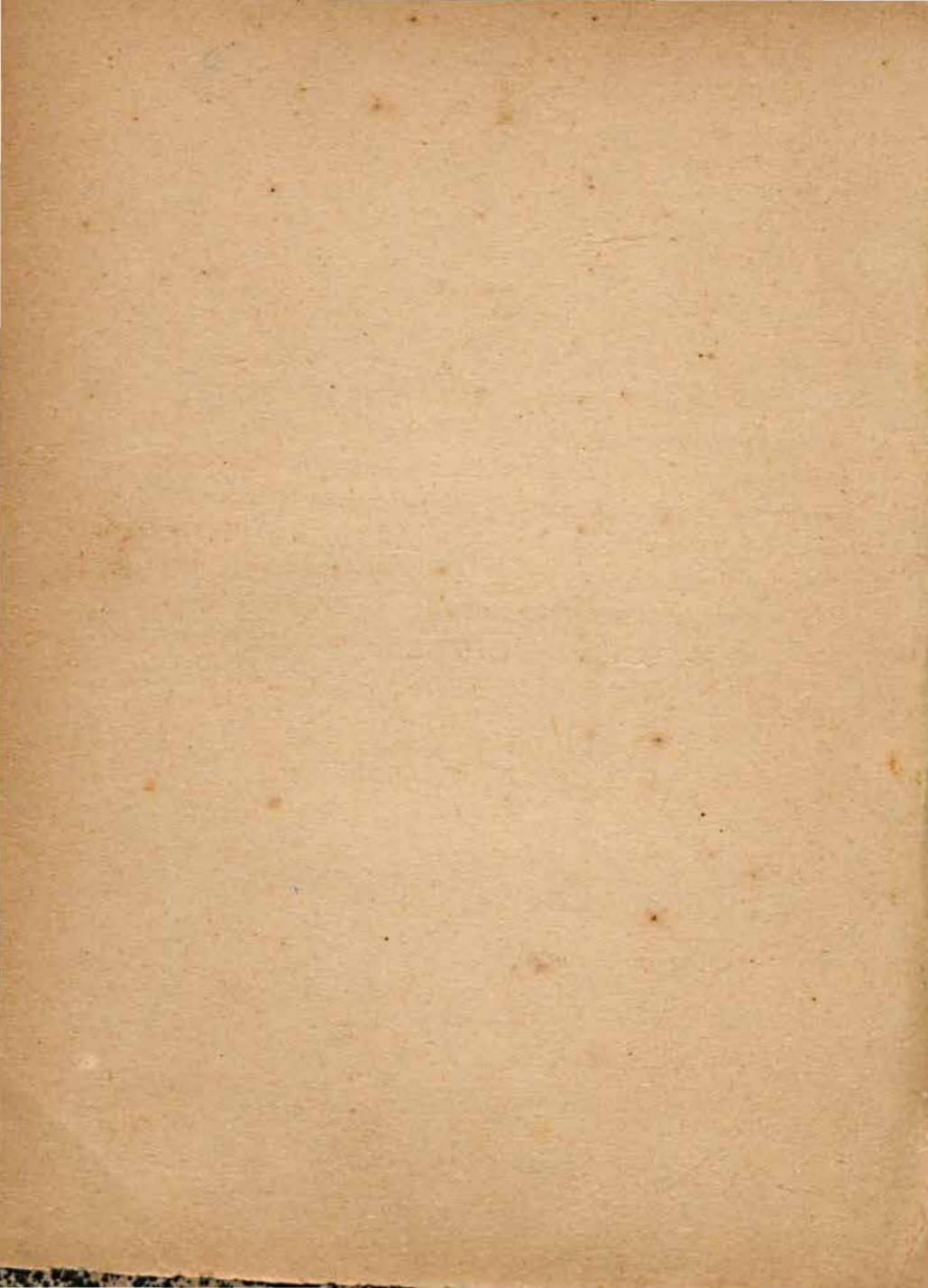
AMERICO VALERIO, — *Machado de Assis e a Psicanalise*, 1930, pg. 214.

“... Quem diz inconsciente diz pan-sexualismo — inconsciente que é a usina geradora de todos os nossos instintos, paixões, emoções, afetos, desejos, desenganos, anseios, temôres e rebeldias.

E, daí, os incessantes conflitos da vida, que anelou e a realidade.

Entre as emoções recalçadas e os sonhos — fontes de tantas idéas e ideais freudianos”...

AMERICO VALERIO, — *José de Alencar (Freudiano)*, 1931, pag. 288.



“O Brasil, país essencialmente agrícola, só poderá ser alforriado pela instrução, educação, medicina, higiene, isto é, pelo trabalho livre, abolida a preocupação egoísta de apenas servir o sul e as cidades do centro, cultuar só a periferia, abandonar todo o septentrião, um dos motivos fundamentais da desunião do bloco nacional, que se começa a processar”.

AMÉRICO VALERIO, — *Oswaldo Cruz*, 1931, pag. 199.



A

A Biblioteca Pública,
de São Luiz, oferece
Guimarães Martins,
Rio, 7-9-1944.

José Pereira da Graça Aranha, maranhense, de S. Luiz (21 de junho de 1868), é filho do jornalista, também do Maranhão — Temistocles Aranha e de cearense — D. Maria da Glória da Graça Aranha.

Caldeava, em um puro tipo danunziano, epileptico, com laivos freudistas, os sonhos maranhenses e as agonias realistas cearenses.

A herança maranhense inculcou-lhe inriavel ideologia.

A ancestralidade cearense injetou-lhe a seiva dessa gente brava e abandonada, de tempera de aço, capaz de todos os desatinos e de todos os sacrifícios, nas chacinas tremendas contra a natureza quasi sempre madrasta e a perversidade e olvido dos homens e mulheres do poder.

Daí o seu temperamento rebelado, algo teatral, mas de perseverança impar.

A sua infancia e juventude foram como todas as infancias e juventudes nortistas.

A mesma sensaboria.

Arquivava, com certeza — intelligencia

privilegiada — no seu pre-consciente os estigmas das futuras lutas e o senso inato revolucionario, mais teorico do que pratico.

Estudante regular.

Bitóla comm, porque, desgraçadamente, no Brasil, collegios e faculdades, quando não matam as melhores iniciativas espontaneas da intelligencia, talento e sensibilidade, retardam-nas.

Escreveu, quando academico (não ainda, é claro, da Academia Brasileira de Letras, mas da Faculdade de Direito de Recife), linhas de prosa inexpressiva e versos piégas, justificando, assim, a diatese exsudativa poetisante de todos os brasileiros que se prezam, especialmente os do norte.

Doutorou-se nessa Faculdade, ninhada de abracadabrantes demagôgos e estadistas palavrosos, aos 18 anos de idade.

O poeta sentimental e o literato bulhento já pretendiam sobrepujar o decorador de codigos e sebatas.

Era a mescla da seiva maranhense e cearense a referver as suas glandulas de secreção interna, em surtos agudos vagotonicos periodicos.

Na tradicional (vá lá a rebarbatividade pueril do termo), Faculdade, chocadeira de tantos pintainhos prolixos e que tanto pro-

metiam, sem chegar, no entanto, á plumagem definitiva, o prestigio de Tobias Barreto, fogaoso e franco, dominava os moços.

Barreto, apesar dos exageros e incongruencias, evidentemente é um dos grandes da velha Faculdade.

As suas obras acarretavam profunda renovação no espirito literario e na consciencia juridica de todo o Brasil.

Graça Aranha deixou em paz os trabalhos juridicos de Barreto.

E dêle herdou a mentalidade revolucionaria e irrequieta.

Basta recordar as pelejas de Graça Aranha nas tertulias a favôr da Abolição, da Federação e da Republica, onde era um dos mais esbrazeados campeões teóricos.

E fáto psicologico bem curioso: as revoluções brasileiras, em qualquer terreno humano e social, se fazem com discursos.

A verborrêa cronica indigena tanto abate os tronos imperiais, v. g. em 1889, como alúe candidaturas da presidencia (Rui Barbosa, 1914, Nilo Peçanha, 1922).

Ha excepções, não ha duvida.

Mas as excepções confirmam as regras.

O espirito moço de Graça Aranha, forjado no cadinho academico mais facundo de nossa terra já latente a septicemia insurrecional

dos nortistas, esperava a primeira chibata para revelar-se em toda a plenitude.

O que, entretanto, apenas sucedeu aos 35 anos de idade.

O que prova o que eu disse quanto á morte ou o retardamento dos predicados individuais pelas nossas escolas e faculdades.

Depois de formado nomearam-no juiz municipal no Estado do Espirito Santo e depois no Estado do Rio de Janeiro (Campos).

A implantação da primeira Republica encontrou-o neste cargo (Campos).

Os libertadôres de 1889, menos realistas do que os de 1930, confirmaram-no, sendo, o primeiro juiz nomeado ao novo regime.

O que para os bufarinheiros de nossa literatura seria mais importante do que escrever *Chanaan*.

Volta ao interior maranhense, proibido de excessos fisicos, por uma ligeira lesão pulmonar que depois curou.

Foi o seu periodo mais intenso de leitura e meditação.

Aspirando, como todo o individuo que possui sangue cearense, maiores e mais rapidos triunfos, dignos de seu talento e vivacidade, descobre a Capital Federal, como Cabral parece que descobriu o Brasil, centro de suas futuras glorias.

E' indicado procurador na secção do Distrito Federal, exercendo o cargo até 1896, acusando, então, 28 anos de idade, exonerado pela sua combatividade e tino sempre agressivo. *

Submete-se a concurso para professor substituto nas duas Faculdades de Direito, desta cidade, ministrando sábias lições, entretanto, improdutivas.

Outra praga brasileira, verdadeiro perigo nacional, é a dos concursos professorais.

Raramente, exprimem o mérito dos candidatos.

Ha excepções. E' claro. Como a de Graça Aranha.

A influencia dos "pistolões", sobretudo os timonados pela habilidade inegavel das mulheres, num jogo de tabela pelos interesses politico-eleitorais, corrompe o resultado da maioria dos concursos.

Mesmo que assim não fosse os concursos são fátos anaeronicos, anti-higienicos, como o casamento perpetuo e os cabelos compridos.

Muito melhor será fazer como o ministro Sr. Rivadavia Corrêa, que na reforma do ensino que tomou o seu nome (1914) encheu as nossas faculdades de gente sem concurso.

Mas de primeira agua.

E basta recordar o grupo de mestres que

* *Herança dessa nobre fa-*

entrou para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela pórtia dos fundos, como susurram os intrigueiros.

E que hoje representa constelação de grandeza excepcional.

Breve Graça Aranha, após o successo de suas provas publicas e de suas aulas sempre repletas, cançou das lutas didaticas.

Para o ensino e pesquisa impõem-se mentalidades especiais.

As grandes intelligencias e os genios (e o Brasil é a maior chocadeira de genios que já se conheceu no mundo) são, de ordinario, máos professôres.

Não escrevo professôres ordinarios, porque, em Portugal por exemplo, ha professôres ordinarios bem extraordinarios.

No ensino e no complemento natural do ensino, as puras investigações, como nas presidencias da Republica, valem mais os talentos bitóla estreita e que possuam uma quéda especial.

As nossas maiores mentalidades cientificas são, regra geral, insufficientes didatas.

Ha restrições, por certo.

Como a nossa maior capacidade mental, depois do Sr. Ruy Barbosa, foi um de nossos peores presidentes da Republica (Sr. Epitacio Pessôa).

E o unico chefe grandemente talentoso e culto.

E, por isso mesmo, talvez o peor.

Isto não é só no Brasil.

Os presidentes da Republica Francesa, figuras méramente decorativas, salvo talvez Poincaré, são inexpressivos.

O genio estadistico de Briand é derrotado pela velhice risonha, pacata e infeliz do Sr. Paul Doumer.

Compreende-se, pois, como Graça Aranha, homem de inteligencia, talento e sensibilidade freudiano, que occuparia o centro da literatura brasileira por longos vinte anos, seria máo professôr, si não abandonasse em tempo o pôsto para o qual não tinha a vocação espontanea, por não ser mediocre.

Ha excepções, repito aqui muito prudentemente.

E foi bom que o abandonasse.

Pois o magisterio aluiria o literato impar em certas condições.

E os fátos se bisam.

Conheço bons professôres que são poetas precarios.

E perfeitos prosadores que são nefastos catedraticos.

E o peor é que timbram em ser poetas

precarios e perfeitos prosadores, prejudicando seriamente o magisterio.

E atropelando o logar dos livre-docentes, que vegetam a vida inteira a desviar para a clinica privada a atenção e os esforços que deveriam caber ao ensino e ás perquirições scientificas.

De sua fase de magisterio Graça Aranha apenas nos lega de valôr o prefacio critico e filosofico do livro de Fausto Cardozo (*Monismo no Direito*).

Tambem o que ainda é aproveitavel no volume do Sr. Fausto Cardozo é o prefacio do Sr. Graça Aranha.

Não cogitando mais do ensino das leis, quasi todas atrazadas de cem anos em nossa patria, que no Direito e na Jurisprudencia despeja Alfredo Bernardes e fica ainda com o Sr. Teixeira de Freitas, encharcou-se Graça Aranha de literatura.

Castro Alves ainda empolgava as almas dos estudantes do Brasil inteiro.

"Espumas flutuantes", o absurdo condoreirismo dos coqueirais baianos, corria de boca em boca, mão espalmada no hemi-torax esquerdo e olhinhos congestos e luzidios.

Hoje só empolga o Sr. Afranio Peixoto, meu diletissimo mestre de Higiene, quan-

do eu decorava compendios e apontamentos de aula em nossa Faculdade de Medicina.

Graça Aranha espelhou-se em Castro Alves, mais dramaturgo do que poeta, na simplicidade de alguns de seus pensamentos abolicionistas.

Os seus literatos prediletos também foram Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

De Tobias Barreto absorveu a linha combativa e o tino iconoclasta.

Convivendo com Machado de Assis, cuja vida paradoxal pude reconstituir (1), num prisma que escapou até ao seu mais profundo biografo, Alfredo Pujol, por falta de tempo — o psiquismo em face da pan-sexualidade — e Joaquim Nabuco, arquitetou Graça Aranha a sua mentalidade adquirida e a sua cultura bem orientada.

Machado de Assis era o mestre impar.

Joaquim Nabuco, o fino espirito gaulez.

E Tobias Barreto, a massiça erudição germanica.

Todos os tres opoterapisaram a sua formação de joven ambicioso.

O resultado foi a entrosagem intima bem caldeada, fogosa, insatisfeita, ironica, tropi-

(1) Americo Valerio — “Machado de Assis e a psicanalise”, 1 vol., 1930.

cal, errante, nacionalista, profundamente social.

Tal o pre-consciente de Graça Aranha, filtrados os atributos peculiares de Machado, Nabuco e Barreto e alicerçado na psicóse epileptica.

Vêr a proposito um trabalho util (1).

Machado emprestou-lhe o seu microscopio de almas.

Nabuco incutiu-lhe o nomadismo sempre em vida latente, á espreita da primeira ocasião, que ele mesmo creava.

Barreto misturou grosseiramente o darwinismo ao subjetivismo, semente do futuro *graçaranhismo*.

Nabuco, quando ministro em Londres, carregou Graça Aranha como 1.º secretario. (Questão da Guiana).

Acompanhou ainda Nabuco a Roma, em especial missão.

E lhe sugeriu o gôsto provisório pela diplomacia.

Nabuco e o Barão do Rio Branco foram os seus amigos dedicados de todas as horas.

Conheceram bem as suas possibilidades.

Cultura e farejo congenito para as de-

(1) — Rodrigues Doria — “Epilepsia e epilepticos notaveis”, Baía, 1932.

marches diplomaticas, onde preponderam a hipocrisia social e as maneiras distintissimas, foram ainda aproveitados no Tribunal Arbitral, que dirimiu a questão acreana, tão complexa e tão subtil.

Após tal labôr continuou no Itamaratí até ser nomeado ministro em Copenhague e Christiania.

Entretanto, o *professôr de direito* jaz esquecido.

O *diplomata* não se poderia salientar no concerto internacional, onde refulgem os tipos mais requintados que nasceram especialmente para os artificios, e as pseudo-conciliações dos povos, uns sempre “cavaleiros”, outros sempre “cavalos”.

A eterna historia do lobo e do cordeiro.

Os diplomatas nascem feitos como os relojoeiros e os artistas.

O *literato* é imortal.

Mesmo que não tivesse pertencido á immortalidade ficticia da Academia Brasileira de Letras.

B



Chanaan é a sua verdadeira estréia literaria.

E que estréia!

Bastava este livro para glorificá-lo.

E apesar de outras obras-primas Graça Aranha é, para a maioria dos intelectuais, o autôr de *Chanaan*.

1903.

Graça Aranha conta 35 anos de idade.

A instrução fradesca de seu tempo e a educação anacrônica da Faculdade de Direito de Recife estragam a eclosão espontanea do maranhense.

E ainda graças a Deus (sem trocadilho).

Antes tarde do que nunca.

Chanaan, já possui oito edições em português-brasileiro, e em diversos idiomas.

O que é um caso puramente patologico, como hoje as meninas-moças que ainda usam tranças ou longas madeixas soltas. Francês (e bastaria a lingua de Voltaire para divulgá-lo em todo o mundo culto), inglês, espanhol e português-brasileiro.

E' a afirmação mais categorica de suas propensões naturais para a literatura.

Quem escreveu um volume como este póde ficar descansado.

E, morrer fisicamente.

E, imortal.

Obra-prima, "tout court".

De fundo primitivista, bem tecida, com laivos filosoficos, psicologicos e freudianos bem patentes, agita alguns dos nossos mais prementes problemas sociais.

Desumbelicado berrantemente das escolas classicas literarias (e adianto logo que mestres e escolas e, por isso, ha os mestre-escolas "parvenus" "et pour cause" e não só nos collegios primarios como nas universidades, são pilheriaãs, que apenas servem para sufocar no nascedouro os impulsos naturais dos alunos). *Chanaan* é o nosso romance tipico.

Perpassam neste livro as metamorfóses brasileiras em face dos novos colonizadores de nosso torrão.

Esboçou-o quando juiz municipal no Estado do Espirito Santo, servindo todo o sul do pequenino e uberrimo rincão para o ambiente espontaneo de seu romance, terminado definitivamente em Londres, quando secretario de Nabuco.

Genuinamente brasileiro este volume, pois

Graça Aranha pouco até então absorvera da entrosagem íntima das grandes “civilizações”.

Em Londres não se aprofundara ainda na cultura do povo inglês, cultura que lança ao universo a vacina anti-variólica (Edward Jenner) porém, ao mesmo tempo, terna a Irlanda e as Índias, em nome da sacrosanta “civilização”.

E quem refere “civilização” indica logo interesses industriais e rivalidades do comércio.

Chanaan pinga o ponto final no subsidio congenito cosmopolita e no passado social indianista apenas parasitario.

Finea os barrótes de um nacionalismo humano, encerrando incríveis possibilidades.

Cardiazóla a nossa consciencia estetica, hemiplegica de tantos e tantos plagios.

Dá coragem e extrato testicular e ovarico aos espiritos novos e independentes.

Não repetiu o Sigalion que morreu empanurrado de idéas.

Não simiescou os amôres niquentos de Mimi e Rodolfo, Paulo e Francesca.

Mostrou-nos os disturbios tubarios de Maria, genuinamente nossa e sempre freudiana.

Deixou os outros em paz para festejar os nossos sacaís, saúvas e jabotís.

Não se nos deparam cavacos graficos.

Nem imagens campanudas.



Como Marcel Proust já se introspecionava.

E retirava de seu pre-consciente Milkau.
Ou o velho Martinho.

Chanaan é criação intelectual e psicológica sempre modernista.

Como produto de Arte espontânea.

E não de artinha constipante.

Aí se prova que não foi méro literato de ficção.

Imaginação êle a possuía em largas bafuradas.

Mas frenava-a criteriosamente.

Pois a sua imaginação, ás vezes, pretendia tomar o freio nos dentes.

Graça Aranha possuía o tino espontâneo freudiano, que fazia o papel do nervo pneumogástrico a moderar as excitações aeríferas.

E *Chanaan*, mercê deste pudicioso controle, decalca a cabra-céga da vida brasileira, sempre em aleivosos redemoinhos.

Como, aliás, a vida de todos os povos, ainda não estratificados duradouramente, com estas ou aquelas características regionais.

Ronald de Carvalho chamou, bem sob medida, *Chanaan* “o poema da vontade”.

A adaptação natural ou forçada dos indivíduos de outros climas e “civilizações” (está bem, siga o termo muito vago — “civilizações”,

que positiva sómente uma convenção piégas), no ambiente primitivo do Brasil, dá lugar ás considerações mais subtis. O que dá ao livro destaque especial em nossa literatura.

As situações por vezes parecem se emaranhar.

E o jogo que os criticos impacientes taxam de paradoxal, bolinando os efluvios patrioticos dos brasileiros jatanciosos, fez escandalo até no Senado Federal.

Os senhores congressistas, compenetrados de sua tarefa messianica e generaladós por Barboza Lima (o Sr. General Barboza Lima) e Rangel Pestana, rangem tremenda campanha profilatica contra Graça Aranha.

Não contra *Chanaan*, é bem de vêr.

E o senso critico de Graça Aranha é desvirtuado.

O resultado foi contra-producente. Embora se tenham desagradado os neuropatas melindres nacionais.

O livro se vendeu furiosamente.

Os 80° de analfabetos rogaram aos 20° de leitôres que devorassem de um só trago o volume condenado á inquisição parlamentar.

E ainda hoje é um dos que mais se vendem.

O exemplar que eu possuo é da "oitava edição, revista", n. 1.368", da qual se fizeram 5.000 volumes (não apenas o rótulo).

A patria desforrou-se.

E Graça Aranha desforrou-se em todas as edições.

A descompostura da Sra. Camara Alta indenizou nababescamente o autôr.

O êxito de *Chanaan* só é identico á consagração de *Os Sertões*.

Ambos definem um povo.

E integram-no na “civilização” humana.

Um (*Chanaan*) é “o poema da vontade”, para Ronald de Carvalho.

Outro (*Os Sertões*) julgo-o “o poema do sentimento”, estudando-o em meu livro sobre Euclides, no prélo.

Chanaan destrança questões simbiológicas. E, portanto, humanas.

E um alevantado ideal estetico.

Revêla-se Graça Aranha conhecedôr profundo do nosso folk-lore.

Não o folk-lorista que só conhece o sertanismo de oitiva.

Como os cavalheiros que narram as nossas lendas, e crenças populares sem jamais terem saído da Avenida Rio Branco. Ou dos salões do Fluminense Foot-Ball Club.

Era um folk-lorista, que entrava no miolo das tradições brasileiras.

E *Chanaan* bem o compróva.

Sedento, sempre, de emoções e sensações novas.

Expressas em pensamentos que disparam mais do que os modernos aeroplãos.

E' a obra de filosofia, psicologia, psicanalise, simbiologia e moral, cimentada no mais ardente idealismo:

Categoriza-se a psicanalise na orientação do juiz de direito (pag. 210, *Chanaan*):

... "eu sou um fanatico da analise. Quando vejo um individuo, estudo-lhe todos os habitos, não preciso saber de suas idéas, *basta uma circumstancia*, por exemplo, o que, *esse homem come*, e eu *concluo sem medo de errar quais os sentimentos psicologicos do meu examinado*. Ah! Porque uma vez apanhado, classifico-o. E' meu". (E o grifo tambem é meu).

Em *Chanaan* o povo é agitado de repente pelos fatôres que alteram a sua espontanea sedimentação.

Mas, em face das traiçoeiras investidas, os elementos de combate surgem das proprias hostes ameaçadas.

As lutas geram o calôr.

E o calôr enfibra as energias.

Chanaan é o psalmo ás energias brasileiras.

O povo que se fotografa em *Chanaan* jamais morrerá.

Os óbices são gravíssimos.

Porém as energias são super-humanas.

Toda a fenomenologia cósmica e social, radiografada da realidade a mais nua, esbraveja e nos conforta no livro-povo.

As bruscas transições cívicas, morais, políticas e religiosas do período antigo á fase moderna, que ainda tateia nas trevas, forcejando para delas se desvencilhar o quanto antes, sem preparo prévio indispensável, causam os dramas humanos e as agruras sociais, que o maranhense nos revêla em *Chanaan*.

Os seus estudos e intuição metafísicas servem para devassar os homens.

E perdôar as mulheres.

Exibe-nos as verdadeiras acções macro e microcosmo-sociais que tem desgraçado o nosso povo, varonil, ordeiro, complacente.

Mas incompreendido e explorado.

Em contraste com a opinião estulta e superficial de que todas as desgraças dos Estados-Unidos do Brasil se atribuem aos governos, bons e máos.

Como todas as amarguras dos Estados-Unidos da America do Norte dependem da *lei sêca*.

Embora ambos os povos sejam responsa-

veis pela maioria destas tragedias humanas e sociais.

Um (a America do Norte) nação pobre que se tornou millionaria.

Outro (o Brasil) nação rica que se tornou indigente.

As causas complexas desta penuria franciscana (politica, civica, religiosa, social, economica, moral, financeira), Graça Aranha escancara em *Chanaan*, para felicidade futura do Brasil.

Meia duzia de livros como *Chanaan* e *Os Sertões* e 50ºº de leitôres conscientes reabilitariam, em todos os prismas sociais, a nossa patria, humilhada e vendida aos estrangeiros em prestações aturcalhadas.

Eis o sentido de *Chanaan*, que os patrióticos não querem apreender, porque não podem.

Todo o estilo de *Chanaan* patentêa a sua profunda sensibilidade. Que, por vezes, beira o morbido.

E normal e anormal se fundem.

Os mesmos contingentes biologicos se ligam tanto nos individuos tidos como *normais* como nos chamados *anormais*.

Freudianamente *sãos* e *patologicos* se equivalem.

Individuos e acções se prolongam.

Acções rotuladas — boas, elevadas, magnanimas ou más (crimes e vícios).

Jamais se poderão separar individuo e evolução ou involução social.

E Frau Pastôr para uns é *normal*.

Para outros é *monstrengo*.

Como é frívola, pois, a *normalidade*.

O dr. Itapecurú póde ser *anormal* no Brasil e *normalissimo* na União Sovietica das Russias. (Perdõem-me os Srs. burguezes).

E vice-versa.

O *normal* varia com a sociedade, o problema economico (sobretudo a quóta que se deixa ao sair de casa para as compras e luxinhos quotidianos), a idade (no referente ás mulheres), a profissão, a côr, a seita religiosa, o estado civil, especialmente os desquitados pelas leis retrogradadas brasileiras, etc., etc.

Um abismo de condições mecanicas, cosmicas, meterologicas, hidrosopicas, sismicas, infecciosas, anatomicas, fisiologicas, clinicas, biologicas, faz com que os individuos etiquetados *normais* sejam de fáto *anormais*, ao menor piparote, sobretudo quando parece lesado o interesse mercantil.

Até certo ponto, direi que, em confronto das investigações psicanalíticas, os individuos *normais* não existem. Ou, melhor, são accidentais.

Pois as neuroses e as psico-neuroses latentes são mais corriqueiras do que se pensa.

E que os individuos moribundos são os normais.

Quem não estiver de acôrdo que desfira a primeira pedra.

Tres exemplos em *Chanaan*?

Maria é de constituição *schizoide*, isto é, ora ciclo-tímica, ora hiperemotiva.

Sempre freudiana.

Lentz e Milkau são os paranoides, talhados pela tesoura de um exímio alfaiate moral.

Bem ajustados os fatos Lentz e Milkau têm um pouco de Graça Aranha.

O maranhense tantas e tantas vezes realizava o sindromo hebefrenico.

Qualquer psicologo, mesmo que não seja versado em Freud, ou que só o conheça das citações dos jornais leigos, como muita gente tida por bem culta, cola-lhe no frontispicio o rótulo apropriado: hebefrenico.

Exaltado, gesticulante, loquaz, barulhento.

E, ás vezes, incoerente.

Basta atentar nos dialogos dos doutores Maciel e Itapecurú (principalmente pags. 207 e 210 — *Chanaan*).

Parecem, á primeira vista, logorréa inexpressiva.

A agitação motôra de Graça Aranha já é patente ao publicar *Chanaan*.

E' o hebefrenico, até então em cristalização potencial.

Maria e Milkau encerram destes traços.

A hebefrenia se mescla ao estigma paranoide, onde as idéas algo misticas de Amôr, Patria, Evolução, Revolução, Civismo se baralham e permanecem no terreno platonico.

E se ajustam graças aos petelécos dos harmonios sexuais.

Escorraça-se o praticalismo immediatista da vida.

Idéas impessoais, ideais por ventura irrealizaveis, esfumam aqui e ali.

Que o pan-sexualismo já impéra em *Chanaan* basta meditar no seguinte: (pag. 240):

“Era o grande odio, o maior de todos, o que vem do sentimento sexual” (sic) — queria dizer, com certeza, do *instinto* — “a incendiar a irmã do pastôr”.

E depois inquire:

“Não era ela a mulher incompleta, a inabalada, a torre fechada” (sem malicia aparente no caso), emquanto a outra, a *mesquinha* (sic) Maria, era a perturbadora, a consoladora, a amiga do homem”?

Puro freudiano.

Essas emoções pan-sexualistas são fre-

quentes em *Chanaan*. Lentz e Milkau, e “a mesquinha Maria” mostram idéas-parasitas (obsessões) e acções puramente anormais (impulsões).

Ora intelectuais, ora espirituais, ora emotivas.

E’ o subsidio que, consciente e inconscientemente, Graça Aranha paga ao freudismo em *Chanaan*.

E que se exacerba em alguns dos outros volumes.

Nas proprias refrégas religiosas e sociais, pintadas em *Chanaan*, tambem ha acções do mais puro psicanalismo.

A ciencia — arte de Freud já altera e alterará ainda todos os fatos referentes aos sistemas e aparelhos religiosos, totemicos, tabús e respetiva evolução para a simbiologia religiosa universal (*involução*, segréda um caróla sentado aqui ao meu lado e com o qual já tenho travado furibundas discussões, em pura perda, para os dois).

O Direito, a Moral, pois a moral deste outro jesuiteiro que se senta tambem agora em minha secretária e que julga, Demonio e Freud sinonimos, é apenas convencional e oscila com os seus impetos genitais (si ele os tiver) e economico-financeiros, já se empolgaram com o subsidio freudiano.

Todas as unidades jurídicas e sociais, cadeas e, portanto, imprestaveis, hão de se modificar tambem.

A organização matrimonial (o caricato desquite dos povos roceiros), o arcaboio domestico e o direito de propriedade estão se refundindo em pról das novas idéas e ideais.

O direito contratual e comercial, a simbiologia economica, a morfologia social, arquitetura politica estão recebendo no pan-sexualismo bases mais firmes.

O direito pessoal retrógrado, todas as noções atrazadas de responsabilidade, já se impregnam de sacudidelas psicanalíticas.

Com o freudismo as artes, ciencias, literatura, medicina, comércio, industria, etc., etc., as questões fundamentais de responsabilidade e criminalidade já tomaram novos impulsos.

Chanaan, inconscientemente, como as acções dos freudistas autenticos, entremóstra tantos fátos hauridos de Herbert Spencer (*Principios de Sociologia*), refundidos pelo genio de Freud.

O automatismo psicanalítico é flagrante.

Não entro em detalhes sobre tal automatismo em face da literatura verdadeira, porque explanei-o, com abundantes applicações práticas, em dois livros meus, fóra os traba-

lhos esparsos em jornais e revistas científicas e profanas (1).

Chanaan é um livro eterno.

Pontifiquem os classicos, os dadaístas, ou os bolshevistas a Estética e a pura Idealidade têm aí um de seus mais ridentes braços.

Falha nesta obra, como em todo o chafariz do Belo e da Perfeição, o pensamento trivial de Maurice Maeterlink: "Tôt ou tard une trop belle chose meurt de sa propre beauté..."

"Todo o mal está na Força e só o Amôr..." (e o Amôr é o alicerce de todas as obras de arte) "... póde conduzir os homens..." (os homens e as mulheres, e mais estas do que os barbados).

"... Eu te suplico a ti e á tua ainda inumeravel geração, abandonemos os nossos odios destruidôres, reconciliemo-nos antes de chegar ao instante da Morte..." (pag. 360, *Chanaan*), psicanalizavam Milkau e Maria transfigurados.

Chanaan! Chanaan! E a terra da Promissão jámais chegava.

Pura intuição freudiana revéla, pois, em todo o volume.

1 — Americo Valerio — "Machado de Assis e a psicanalise", 1 vol. 1930, já citado, e José de Alencar (Freudiano), 1 vol., 1931.



“Milkau nesse tempo *scismava*, enquanto o sono o não arrebatava para o esquecimento” (pag. 110, *Chanaan*).

“*O principio do amôr me sustenta e protege* (sic). Eu sou daqueles que foram por ele *consolados*... Ia terminar o drama intimo do meu espirito e concluir-se a passagem dolorosa de um estado de *moral hereditaria para uma consciencia pessoal*” (o grifo é meu — pag. 70 — *Chanaan*, Lentz e Milkau psicofilosofando).

Tem bastas razões Freud quando estriba todos os disturbios psiquicos em fatôres organicos mecanicistas, toxicos, infecciosos, mesclados aos fatôres mentais (2).

Em *Chanaan* roçam-se as lutas dos instintos, herança e sentimentos e o rêspectivo “*refoulément*”.

Decorrem-se illusões e desillusões.

As illusões são os instintos satisfeitos.

E as desillusões representam a insatisfação dos instintos e sentidos, em negações constantes pelo contrapeso hereditario.

Lentz, Maria e Milkau documentam, com

2 — Sig. Freud — “Das Interesse an der Psychanalyse”, 1913 e J. de La Vaissière — “La théorie psychanalytique de Freud (E'tude de psychologie positive)”, 1930.

exuberancia, tais conflitos do Eu hereditario, do Eu congenito e do Eu adquirido.

Destarte Graça Aranha pensou e escreveu.
Isto equivale a sofrer.

E quem sofre — vive.

Amargas, piedosas ou reconfortantes verdades, que são os nozes-fóra de seus altissimos sonhos de artista freudiano povôam este livro.

Tais sonhos (abençoados sonhos, que são a unica realidade da vida humana) estabelecem a entrosagem que soldam o homem de pensamento ao homem de acção.

Bem podia repetir Lemaitre: “Je ne vois pas, par quels principes on pourrait établir la préeminence de l’arte qui exprime la *verité consolante ou même le rêve tout pur*. Quelle que soit la vision des choses propre á chaque artiste elle est mienne pourvu que la forme qu’elle revêt soit empreinte de beauté”.

Chanaan é um volume bem sentido, bem vivido.

Foi, por isso, um escritôr á parte, tão diverso de tantos literatelhos, que rabiscam pilhando aqui e ali um pouquinho de outros livros ou dos jornais (personalidade a prestações como o negocio dos mercadores ambulantes).

Visam tais escrevinhadôres ou escreteiros (em vez de escritôres, pois estes tem alma pro-

pria) os meios mais rapidos, mesmo que os fins pecuniarios sejam os mais asquerosos.

Outros, a maioria, apenas consegue borrar de tinta preta ou encarnada os dedos. Ou o papel de embrulhar pão, onde desovam as suas parvoices.

E os livros se vendem. E as edições persevejam.

Pudera! O Brasil possui triunfalmente 80% de analfabetos, 10% de alfabetizados e 10% de pessoas que lêem sabendo o que estão lendo.

Não admira pois que os volumes duodenados de bobices ou pornografias se comprem tanto no Brasil.

Graça Aranha é um verdadeiro escritôr.

Em *Chanaan*, apesar da “oitava edição”, ainda se compróva o cheiro do masturbar dos sentimentos, idéas e emoções.

O cheiro e as nodoas engomadas características. *Sui generis*.

Os que accusam este livro são os peneiros (que vegetam na pena, é bom frizar, emquanto os genuinos escritôres vivem da pena, uns vegetam, outros vivem, eis o busilis) — de pechisbeque, mascarando a pseudo consciencia no recôrte das sentenças de outrem.

São os agiôtas do trabalho alheio.

E como é facilimo exonerar o intestino e a cerebração bem em cima do trabalho alheio. Cambronne tem razão.

A obra (sem alusão ao fáto de exonerar) destes garatujadôres cifra-se no patrimonio do proximo.

E como a paternidade é, em certos casos, um problema e uma incognita e a moral humana e social depende de variadissimas convenções que servem para iludir os outros, emquanto o autôr tambem se ilude, o globo terrestre vai girando e o dono do corajoso ouropel e do excremento literario apanha os seus elogiozinhos e os retratos de vestes talaes nos grandes jornais.

E “sursum corda”.

A humanidade se reanima.

E incrementa-se a “civilização”.

Chanaan relibertou a Arte Brasileira.

Pois ainda não bastara o firme golpe de bisturi, que José de Alencar desfechou no cordão umbilical conimbricense (1).

A velha cicatriz de novo se ulcerou.

E Graça Aranha termo-cauterizou-a com excelente e oportuna cirurgia.

1 — Americo Valerio — “José de Alencar (Freudiano)”, 1 vol., 1931.

Almejou literatura genuinamente brasileira, com o sabôr dos cambucás maduros.

Que só tratasse de questões puramente nacionais.

Nada em referencia aos gregos ou aos lisbonenses.

Mais plasticidade em nossa alma e espirito.

Não queria guarda-livros a escrever poesias lacrimosas.

Nem chefes de maquinas a caligrafar obesos romances.

E academicos, mais negociastas do que prosadores, a conferir ao mesmo tempo a sintaxe e o caderno do armazem de secos e molhados.

Senhor sempre de si, embora vivendo no vortice das grandes “civilizações” (ainda vá lá o termo pernóstico) “dominando a materia universal”, apontou e prendeu os aventureiros da arte como a policia trancafia os mercadôres de escravas brancas.

Brasil sem juizo.

A cultuar o cobarde sarcasmo e a grosseira e impúdica ironia. Que o Sr. Graça Aranha já deplorava. Porque as acharia “coisas passageiras”, sendo que “a sorte dos escritores humoristas é precaria” e “só pelo genio se libertam do esquecimento”.

28 anos antes, já pressentia a evolução

retorica democratica para a rapida Antropocracia atual, nas justas proporções que seriam esboçadas pelos condutores modernos da humanidade pensante (1).

Em *Chanaan* Graça Aranha olhou sempre e viu o Brasil e os brasileiros.

Mas depois de fazer um auto-exame de consciencia muito bem feito. E tomar muitas injeções arsenicais.

Acompanhou assim Vargas Vila ao ponderar freudianamente “o mais triste de todos os medos, é o medo de olhar a propria alma”.

Entretanto, a humanidade hodierna, disparando vertiginosamente como Lindberg ou Dante de Mattos, não possui tempo para “olhar a propria alma”, no conselho de Vargas Vila, ou no exemplo de Graça Aranha.

Como não ha tempo de “olhar a propria alma” homens e mulheres olham a dos outros.

Felizmente olha-se apenas, porque não se vê.

As rãs tambem olham.

E são inofensivas.

Chanaan microscópa a Beleza e o Nacionalismo.

1 — Guy Grand — “La Démocracie et l'après-guerre” — e Massaryck — “Les Problèmes de la Démocracie” — 1928.

Mas, em bases porfundas.

Isto é conhecendo no intimo todos os nossos problemas sociais.

E não de orelha.

Felizmente as nossas questões sociais já não eram, em 1903, como ainda não são, equivalentes às questões que assoberbam os grandes paizes europêos.

Salvo para os cercopitécos, que julgam, desde o sussurro de Pedro I, ao seu cavalo, (não sei si de fáto ele viajava a cavalo, ou egua, como se vê na estatua do Largo do Rocio, hoje Largo Pedro I, ou, por outra, devia ser, porque é apenas Praça Tiradentes, e que injustiça para o principe), nas margens de um riacho — Ipiranga — o Brasil á beira, ou nas profundas de um despenhadeiro.

“No Brasil, não ha lei, e ninguem está garantido” (1903). Agora as coisas ainda mais se agravaram.

“O processo é feito de tal maneira que tudo vai em perigo. Olhe, si aqui um homem entender se apossar da propriedade de outro, encontra “no nosso” (sic) (este no nosso, nonô, é cochilo de um espirito lucido), sistema de justiça, no modo por que se faz o processo, apoio para a sua intenção. E si esse homem é

um potentado, ninguém o pôde embaraçar”, *fi-*losófam Paulo Maciel e Milkau, em *Chanaan*.

E Milkau prudentemente ajuntava: “No mundo inteiro a justiça é uma ilusão”.

Dou-lhe, hoje, um grande abraço.

Justiça, Solidariedade, Direito, Desarmamento universais são apenas ilusões.

Isto é, instintos saciados.

Ah, o Idealismo.

A Confraternidade.

Utopia de poetas.

Poemas de estadistas. Facécias.

Divagação dos que não trabalham.

E procuram trabalho para a coorte imensa dos “sem-trabalho”.

Cincoenta mil no Brasil.

Cinco milhões na Inglaterra. Vinte e cinco milhões pelo universo.

Bonitos sonhos dos que não sofrem as realidades da Vida.

E para discutir os “sem trabalho” hospedam-se no principal hotel das cidades, vítimas da logorréia universal.

E gastam a rôdo.

Como os que afogam ou queimam o nosso precioso café, quando ha brasileiros que agonisam de fome, para favorecer artificiais planos de valorização equivocada.



Bem valeram, pois, as lições práticas e apavorantes da guerra de 1914-1918.

Idealismo! Idealismo!

Em *Chanaan* emparelham-se a cultura literaria, filosofica, psicanalitica, e simbiologica.

Espiritual, profundo, subtil, humano.

Exaltado do subjetivismo filosofico e psicologico.

Fez a despiritualização dos velhos moldes em o atelier indigena.

O "ser e não ser" da existencia terraquea, chocada pela reciprocidade dos instintos, idéas, sentidos, ideais, emoções, sentimentos e paixões.

Preponderancia dos pensamentos, ideal, amôr ao Brasil e ao evolver da sociedade.

Generosidade.

Heroismo.

Entusiasmo.

Eterna mocidade.

Obra perfeitamente humana.

Nobre.

E util.

Uns escritôres possuem o privilegio de tornar dificeis os atos e as idéas mais faceis.

Outros, a minoria, desempenham os dons espontaneos de simplificar invariavelmente as acções e ideais mais complexos.

Graça Aranha pertence a este grupo.

E *Chanaan* é humano, no seu enrêdo sobre-humano.

Vaticina um Brasil colosso.

Brasil-brasileiro.

Dirigido por uma elite cultural de gente nova.

A plasmar novos panoramas.

E não corretôres de café a orientar o Ensino Publico.

E advogados a entupir a pasta mais importante de um "paiz essencialmente agricola".

E oficiais de terra e mar a pontificar a ciencia economico-financeira.

E medicos-parteiros a fazer politiquice e insinuações administrativas.

São os que pensam que educação equivale a ter apenas as bótas sempre engraxadas.

Como era na época que publicou *Chanaan*.

E que se seguiu até 24 de Outubro de 1930.

As ressonancias do milagre de *Chanaan* ainda persistem.

O espirito estetico, o arcaboijo simbolico e artistico, os caracteres emancipados para as lutas do Civismo e para os cenarios da Bondade, ainda preponderam nesta obra, uma das sinteses de nossa literatura verdadeira.

A literatura brasileira, como a politica, as

finanças, a educação, a administração e tudo o mais, marasmava num escandaloso regime de filhotismo.

A creatura para vencer ou tinha a tutela politico-eleitoral.

Ou se amparava na coqueteria feminina.

Ou os dois fatores juntos.

Com algumas exceções, por certo.

Graça Aranha, em *Chanaan*, quiz que a intelligencia e a sensibilidade preponderassem.

Sem madrinhas plasticas ou politicas.

E *Chanaan* foi radiosa semente.

Um genuino esteta geteano.

E' o livro que consubstancia todos os anseios esteticos, politicos e sociais do Brasil, como a obra de Musset (a parte aproveitavel, se entende) simbolisa todo o sentimento post-napoleonico.

Arte purissima.

Liberdade espontanea.

Já o Sr. Vargas Vila em "*Libre Estética*", afirmara que "separar el Arte de la Libertad es partir en dos el corazon de la Belleza".

Chanaan é o baldrame da nova cultura mental, espiritual e estetica do Brasil.

Foi surpresa.

A opinião publica (valerá mesmo a pena referir-me á opinião publica em nossa patria?)

a opinião publica recebeu *Chanaan* como receberia um estilhaço de obuz pelas trombas.

Perplexidade.

Panico geral.

Seria possível mesmo um escritor brasileiro, que não fosse paulista ou carioca (o Brasil é apenas S. Paulo e o Distrito Federal para os cabotinos e os parvos), assinar *Chanaan*?

As turbas boquiabriram-se.

E' alguém que surge.

E' um livro.

Homessa.

E livro inicial.

A Europa e o mundo se curvariam ainda uma vez ante o Brasil?

Assombro coletivo.

Entretanto, o Brasil sempre foi o paiz das maiores surpresas e contradições.

E tambem dos imensos desconchavos.

Chanaan.

E uma oportuna morte.

Toda a personalidade magnetica de Graça Aranha vibra nas paginas imortais.

Darwin e Freud se entrelaçam.

“Darwin estabeleceu a continuidade sobre o planeta do organismo humano com o resto da vida; Freud estabeleceu a do espirito” diz, com muito acêrto Ernest Jones (“*Da psico-analise. Breve introdução ao seu estudo*”).



Graça Aranha liga a organização material á intelligencia, sensibilismo, á moral e ao espirito.

Emaranhados no contingente social.

Radiocinematizou Brasil e brasileiros.

Catequese artistica.

Integrou-se em sua obra.

Justo.

Humano.

Livro de Renovação.

Obra-prima.

“C'est tout” (em homenagem ás francezas, edições, é claro).

C

Malazarte infelizmente não se mantém no mesmo nível artístico e cultural.

Devia ser o livro de estréa.

Mas os carros, ás vezes, passam adiante dos bois.

Após a subida de *Chanaan* o descenso de *Malazarte*.

Opinião meramente pessoal.

Sei que alguns graçaranhistas hipocritas, especialmente emquanto vivia o maranhense, julgavam *Malazarte* outra obra prima.

Obra prima positivamente não é.

Pois ás primeiras passadas exigiu logo uma perna de páu.

E quasi sucumbe do mal de sete dias.

Está, a meu vêr, muito longe de obra-prima.

E' apenas uma prima bastarda na obra de Graça Aranha.

Embora não seja realmente a prima.

Porque *Chanaan* foi a primeira.

E a filha legítima.

Um grande mestre burila *Chanaan*.

Um escritôr vulgarisimo enrêda *Malazarte*.

Neste drama ideou um arranha-céo, de cincoenta andares, em cimento armado para arquivar tudo o que vira e aprendera pelo mundo.

Mas não deu atenção aos alicerces.

Fê-los tão frágeis como os de um quiosque de madeira.

E ainda por cima em terrenos de aluvião.

Parece grafada (*Malazarte*) por uma dessas individualidades que após o ritmado labor quotidiano, suarentas, apressadas, tomam, certinho, o bonde para a casa suburbana, levando, preso no indicadôr direito, em xifopagia com o vespertino predileto, o pacotinho de manteiga ou café.

Ou, melhor, o embrulho da caixa acautelando os sapatos velhos, substituidos nas lojas da rua Larga de S. Joaquim (parece que é assim a rua onde se aboléta o Colegio Dom Pedro II).

Eminências (sem alusões cardinalicias detestadôras do freudismo escancarado, porque, para a jesuitice, o pan-sexualismo é assunto segredado nas sacristias como o ajuste das missas) — eminências e desfalecimentos de todos os artistas, que a psicanalise tão bem destrama.

A literatura é como foot-ball.

Ingrata.

O literato é o center-half, pivôt dos onze em campo.

Ha jogos que o desportista deslumbra de maneira espantosa.

Em outros o mesmo atleta, famoso e treinadissimo, enterra o team.

Assim Graça Aranha.

Em ditosa época engastou *Chanaan*.

Em época infeliz enterra o team (*Malazarte*)

Genuina literatura palamoide.

Será influencia astral do titulo?

Mal (espírito demoniaco) e ainda por cima ou por baixo — *azar*, ocasionando o enguiço de sua arte.

Em conjunto, *Malazarte* é xaropento pastiche.

Idéas atoucinhadas.

Ideal contra a mão.

Inexpressiva fraseologia.

Durante a vida do mestre poucos o afirmaram de viva voz.

Segredava-se apenas por detraz das cortinas.

Entretanto, como todas as obras mesmo artificiais, e precarias, onde enxameiam os lapsos das mentalidades poderosas, como a de Graça Aranha, a que tambem Freud

e sua escola ligam tanta consideração (é mais uma prova do pan-sexualismo do maranhense) tem este ou aquele fragmento aproveitável.

Vou, pois, realçar os seus intrinsecos méritos, entre o tédio geral.

E' um drama simbolico de cunho filosofico (e os dramas já nos bastam os da vida real e os *simbolos* apenas tem valor para os psiquiatras e freudistas) iniciado em a Noruega e acabado em Paris, afirmam todos os que lidavam com o mestre.

Dá idéa, entretanto, que foi iniciado em Paris, em dias friorentos e enevoados, ao recordar o esbrazamento dos sertões maranhenses, e terminado na aridez da Scandinavia.

Drama em tres atos.

Tanto melhor.

Poderia ter quatro.

Como as representações officiais de nosso Teatro Municipal pelas companhias de sexta ordem.

Luz de carbureto.

E que na Capital Federal e em S. Paulo se exibem como celebridades universais.

Faróes electricos de cincoenta vélas.

“Decouvrir le Brésil”, como preito a Paris, onde terminou ou iniciou o seu *Malazarte* (francês e português-brasileiro).

Inaugurou-se no teatro "L'Œuvre", de Lugné Poe.

Interpretou-o Greta Trozor.

Uma especie de Greta Garbo, de hoje, a seduzir os provincianos do Cinema Popular.

Agita-se *Malazarte* nos subterfugios da moral hereditaria e nas arrancadas espontaneas dos instintos freudianos.

Arquiva algumas tintas psicanaliticãs.

Cubismo, preciosismo e confusionismo dominam em algumas de suas passagens.

Ideologo a seu geito observo aqui e ali as pinceladas fundamentais da personalidade e individualidade de Graça Aranha.

Mas, regra geral, é um trabalho linfatico-zinho.

Representa o papel de certas vacinas anti-piogenas em alguns doentes.

Simulavam, no começo, que a reação termica ascendia a 41 grãos e muitos decimos.

Mas apenas se limitou a 37.º,2.

Não parece a inteligencia creadôra e o talento plastico e de envergadura extraordinaria que filigranou *Chanaan*.

Nem o estudioso das leis, da filosofia, da psicologia e da simbiologia, o mestre, a gozar mais a convivencia das mentalidades de elite do que o inquerito dos compendios de jurisprudencia.

Malazarte, de onde em onde, deixa espreitar o espirito claro e sempre combativo, impregnado de ardentes ideais e idéas evolucionistas.

Mas com o estilo, por vezes, tão hirsuto como o rosto do Tintoreto.

Pura lenga-lenga, quasi sempre.

Dissimula a influencia da veia polemica de Tobias Barreto.

Mas, á vista de *Chanaan*, é uma luzinha de azeite dendê.

O centro de acção de *Malazarte*, onde lusco-fuscam alguns caracteres que poderiam ser dos mais felizes em sua obra, é o homem (não sei se escrevo com H mainsculo ou um hzinho), firmado, longe do bem e do mal (e o que parece bem para o autôr de *Malazarte* ás vezes é mal no autôr de *Chanaan*) pelo estudo e apreensão dos fenomenos extrinsecos e intrinsecos da vida.

Parece trabalho de teosofo a colidir com os discipulos de Augusto Comte, cujas concepções ele procurava escarafunchar.

Ou, melhor, Alan Kardec e Comte, socados e camuflados em Marcel Proust, do qual o parentesco com o maranhense é flagrante.

Malazarte é, pois, totalmente diverso de *Chanaan*.

Só mesmo com o nome por baixo é que se

dirá que o mesmo homem de letras traçou os dois volumes.

A fôrma é mais empolada, mais artificial, mais rebuçada.

Muito menos expressiva, portanto.

O fundo também é diverso.

O enrêdo.

Mas não têm enrêdo como as fitas norte-americanas do cinema.

O primitivismo verdadeiro e singelo de *Chanaan* se dilúe.

Ou se embrulha.

Ha idéas que usam espartilhos, como as velhótas gastas.

E vocabulos sustentados em fundas herniarias.

Não se verifica a entrosagem espontanea de *Chanaan*.

Quasi tudo forçado.

E' o hircismo graforreico.

Parece que o maranhense tinha pressa em acabar de qualquer geito.

Prázo marcado, improporogavel como o das notas promissorias dos agiótas.

O successo de *Chanaan* foi surpreendente.

Os editôres exigiam outro livro.

Graça Aranha começou e fez de qualquer maneira.

Fogo, viste, linguaça.

Uma série de truismos.

Em *Malazarte* o claro escritôr, verdadeiramente brasileiro de *Chanaan*, se coreíza nos âmbitos cosmoplitas, hauridos á pressa. Nouveau-riche.

Comulsões tónicas e clónicas.

Assemelha a superficialidade dos que visitam, um país ou muitos paizes ás carreiras.

E logo escrevem um livro psicologico de 300 ou 400 paginas de texto massudo.

Ou uma coleção de volumes do tamanho da "Biblioteca Internacional de Obras Celebres", que realmente impressiona pelo póрте e pela encadernação.

Ou os que traçam a bio-bibliografia de um autôr afamado, lendo só o catalogo de suas obras, para se tornar tambem afamado autôr.

Mas, assim mesmo, o decalque de *Malazarte* deixa a desejar.

As manifestações da vida humana e social, fotografadas diretamente do ambiente sincero de *Chanaan*, são cromos desenhados a lapis de côres em *Malazarte*, onde o cinzento ocupa logar destacado.

E onde tambem bórра os dedos.

Graça Aranha, neste drama, enfiou as mesmas luvas de pelica alvissima de *Chanaan*.

Mas esqueceu-se de cortar e limpar as unhas de singelo sertanejo.

Embora gastando os centros mais “civilizados”.

Tomou de assalto o cosmorama, como nós tomamos, rapidamente, um onibo.

Mas olvidou o livro ou um jornal para amenizar a longa viagem.

Nem poz de baixo do braço *Chenagn*.

Só o Baedecker encontrou no bolso do colete.

Malazarte é, assim, um drama falso.

Palustre.

Erudito, sim.

Mas superficial.

Frio.

Crú.

E fadado, portanto, a justo e ao mais rapido esquecimento.



Em "*A Estetica da Vida*" o aeroplano, que sofrera lastimavel pane, (*Malazarte*, peso do nome fatalmente), volta a subir.

E atinge o mesmo nivel de *Chanaan*.

Sem outros confrontos, a não ser o valôr de conjunto, porque não se adicionam duas te-souras e meia duzia de tubos de pasta para dentes.

A soma fatalmente tem que ser duas te-souras e seis tubos de dentifricio.

"*A Estetica da Vida*" é uma das mais expressivas afirmações do genio literario do maranhense.

E, fáto psicologico importantissimo, a meu vêr: *Malazarte* e "*A Estetica da Vida*" se completam.

Os sabidos e as pitonizas que tirem as conclusões que entenderem.

"*A Estetica da Vida*" é a segunda edição filosofica e psicologica de *Malazarte*.

Com uma diferençazinha e um equivoco. A diferençazinha consiste no proprio fáto

de ser a segunda edição: aumentada, revista, corrêta.

Malazarte é um pastelão.

“*A Estetica da Vida*” é uma obra de Arte. Uma diferençazinha, como vêm.

O equívoco em “*A Estetica da Vida*” reside, a meu vêr, na transplantação litero-filosofica das idéas fisico-matematicas da Relatividade.

Um relativismo filosofico erroneo, calçado em Einstein.

Graça Aranha (e só talvez meia duzia de cientistas brasileiros possa alcançar o genio alemão) não estava preparado para assimilar as idéas einsteineanas, tão deturpadas pelos que pretendem estuda-las pelo lado puramente filosofico, como fez o maranhense.

Andou mal, por isso.

O mestre germanico, como Newton, deve ser apenas encarado no prisma fisico e matematico.

Aliás, nos seus trabalhos, Einstein repisa este ponto capital.

Ele que sintetizou, genialmente, a sua obra em alguns folhetos não pôde impedir o aparecimento de verdadeira biblioteca sobre a Relatividade, encarada ao sabôr do pituitarismo freudiano de qualquer um.

Einstein matematico, Einstein fisico, está bem.

Mas Einstein filosofo, Einstein psicologo, Einstein biologo, Einstein etnografo, Einstein simbiologo, Einstein psicanalista, é absurdo.

Foi o lapso de Graça Aranha.

Que Einstein seja pessoalmente um filosofo, tendo da Vida ou da Morte, concepção original, como todos os super-homens, não está mal.

Mas daí a inspirar-se em trabalhos filosoficos de Einstein, que não existem e não poderão existir, pois é o proprio autôr que os despreza, vai um abismo insondavel.

Quando o sabio alemão esteve na Capital Federal a fazer conferencias sobre a Relatividade, declarou logo de entrada para esclarecer a nossa claque filosofante, que a sua obra filosofica ele não a conhecia.

E nesse mesmo dia a nossa grande imprensa divulgava eruditas dissertações sobre a Relatividade em face de todos os espectros humanos e sociais.

Einstein asseverou que a sua obra é matematica e fisica.

O resto é ironia.

Eu que assisti a todas as suas lições aqui no Rio e que posso morrer feliz porque tive a satisfação de apertar a mão de um genio autentico, dos que aparecem de seculos em seculos (Einstein e Freud são os verdadeiros

genios da atualidade) ouvi essas palavras do proprio patrão da Relatividade.

Que ele seja o rival de Newton na fisica e na alta matematica está certo.

Que ele seja alemão ainda está certo.

Que ele tóque violino (não é um Kubelick ou Thibaud, mas tóca) tambem está certo.

Mas que seja autôr de obras e concepções filosoficas é tudo quanto ha de mais incerto.

Alicerçado suspeitamente no subsidio filosofico de Einstein, que não se conhece, as cintilações do talento e a policultura de Graça Aranha deram-nos um volume dos mais preciosos em sua bagagem literaria.

E' uma obra que se lê com prazer e se comenta com bôas intenções.

Apezar das enganosas premissas.

E embora se atropelasse nas vastas integrais einsteineanas não se feriu de morte.

Ou de vida.

Foi apenas abalroado por uma bicicleta.

Ligeiras contusões generalizadas.

Literariamente "*A Estetica da Vida*" é o conjúgio de ensaios os mais felizes.

E' o tectonismo da Vida ou da Morte tão incoerente e, por vezes, mãe e madrastra, acusado em laivos freudianos.

Da Vida.

Ou da Morte.

Ao voltar da Europa, retemperada a sua

alma pelas cruzadas em pról dos aliados, mergulha mais o faro intuitivo litero-psico-filosofico.

E traz-nos "*A Estetica da Vida*".

Longos anos medearam sem que os editôres preparassem novo livro de Graça Aranha.

Após o esplendôr de *Chanaan*, carteira de identidade de um espirito extraordinario e o bruxoleio de *Malazarte*, que parecia atestar o decair da intelligencia que tudo prometia, profundo silencio.

Dedicado de corpo e alma ás campanhas diplomaticas, ministro plenipotenciario do Brasil na Holanda e Noruega, nada escreveu de duradouro.

Achava-se em Paris, em 1914, quando o mundo se dinamitou.

A sua maior preocupação foi nortear os nossos patricios, que timbravam em aparente neutralidade, para a causa dos aliados.

Idólatra da França, sua mãe espiritual e, em sua opinião, mãe de toda a "civilização" (ainda vá lá o substantivo, porque a prova maior desta "civilização" é o cataclisma que se deflagrava) toma partido a favor dos latinos.

Enxergando que a sua attitude poderia ser mal interpretada, em 1915, abandona a diplomacia.

Presidente do "Circulo dos Aliados" foi

incansavel em conferencias, discursos (os malditos discursos que faliram o Brasil) e polemicas escritas, para convencer Portugal e o Brasil a tomar parte ativa ao lado da França.

Da França, sim, pois os aliados, para Graça Aranha, representavam apenas a França, seu culto fervoroso.

Nestes trabalhos pró-aliados fez-se intimo de Briand, Eric Drummond, Barthou, Edward Grey, Maurice Bunsen, heroes do periodo preparatorio do grande terremoto de sangue e grandes assassinos, em nome da caluniadissima Humanidade.

E, que, mais do que a pretensa rivalidade comercial anglo-alemã, foram, juntamente com sua majestade imperial o Kaiser, os causadores "ex toto corde", do pavoroso conflito, cujas desgraçadas consequencias ainda persistem.

E persistirão largo tempo, emquanto não se encontrarem novas soluções para as novas questões sociais post-guerra.

No regresso da Europa, rompe Graça Aranha a sua abstenção literaria.

E nos presentêa com "*A Estetica da Vida*".

O panico do imenso cataclisma universal, que indiretamente concorrêra para atijar e prolongar, excitou os seus iontes viscerais.

Neste livro sintetisa alguns dos mais im-

portantes problemas sociais do Brasil e do mundo.

E divaga, freudianamente, em algumas das incognitas da alma.

Escreveu-o e editou-o em Paris.

Batisou-o no começo "Im"; ou excerptos fragmentares interiorizados de sua vida pagã, onde predominava o homem do mundo, o "tombeur de femmes".

Hoje já existe segunda edição.

E' o código da transubstanciação humana em resultantes afirmativas.

E, portanto, uteis.

O estilo é sem jaças, quasi todo.

As idéas redemoinham.

E' patente a chama idealista.

Leitôr assiduo de Montaigne não lhe quiz, entretanto, adotar as ilações sobre a vida.

Tinha orientação a seu geito.

Sem as maravalhas pronominais, tão do agrado dos que rabiscam com a pena em vez de escrever com a alma.

Mostra-nos, em "*A Estetica da Vida*" que a gente sóbe das manifestações primitivas dos instintos ás mais puras lutas conscientes.

Mais um certificado do freudismo.

E Freud bem dicerne as tres grandes areas espirituais:

O *Consciente*, isto é, o consorcio de pensamentos que nos sufoca em certos momentos.



O *Pre-consciente* ou ante-sala do *consciente*.

E o *Inconsciente*, pivôt de toda a vida humana e social, as idéas que apenas se tornam conscientes sob um especial sentido de cordernação.

O que Graça Aranha fez na Europa em pról dos Aliados (preparando Portugal e Brasil para entrar na fogueira) o *Inconsciente* faz com as idéas conscientes auxiliado e catequisado pela cordernação.

Mas nem tudo é sempre arranjadinho de maneira identica, como as montras dos joaheiros.

E ha pensamentos que se interçambiam. Outros são malcreados.

E se intrometem, sem ser chamados como as comadres e os futriqueiros, nestas tres areas.

Sobretudo entre o *Inconsciente* e o *Pre-consciente*, o que faz parte da *censura* (Freud).

Censura que, por certo, é diversa da que acabo de fazer a Graça Aranha quando aludo á sugestão de seu livro filosofo-literario no arcaboço fisico — matematico de Einstein.

Bem encarando as coisas, importar-se-á o maranhense desta *censura*, agora que ele está sofrendo ou já sofreu a maior transformação de sua vida terraquea nestes gran-

des laboratorios da Vida, que são os cemiterios, retrógrados, contemporaneos do arado de mão?

Talvez se importasse mais se fôsse humana e sumariamente cremado, como breve sucederá, de modo sistematico, apesar dos arrepios dos conservadores e das lagrimas dos pachorrentos doutrineiros.

Em "*A Estetica da Vida*" se impõe, des-tarte, o temperamento ultra-vibrátil do freudiano.

O poder expressivo é natural.

A personalidade nos enfeitiça (apesar do sortilegio de *Malazarte*).

Analises impressivas.

Sinteses plasticas.

Movimento.

Ambientes.

Caratères.

Sobretudo, caratères.

Graça subtil e espontanea como as teias de aranha.

Eis Graça Aranha em "*A Estetica da Vida*".

Apesar das injeções cosmopolitas, especialmente parisienses, mais brasileiro do que nunca.

Homem brasileiro.

Artista brasileiro.

Apesar da meia mascara afrancezada.

Modelado natural.

Um super-emotivo a escalar a morbidez freudiana.

E a patrulhar a nossa literatura.

Especie de chefe de policia da Estetica.

Para caçar os capoeiras das idéas.

Neste volume ha tambem algo do *Candide* e *Ingénu* voltaireanos.

Mas de perneiras maranhenses, contra os maribondos.

O subjetivismo prepondéra.

Amálgama de Tobias Barreto e Bergson.

Quando pensava em reproduzir um Einstein desconhecido, como o soldado francez que ele tanto endeusava.

De Tobias engulhou nos fatôres do livre-arbitrio.

Coisa muito engraçada o livre-arbitrio.

Vontade livremente manifestada, assim eu decórava dos apontamentos do Rev. Padre (como se chama o sr. padre mesmo?) no collegio de preparatórios, onde empanturrei a memoria das fabulas de João de La Fontaine ou das discursagens do Sr. Visconde de Chateaubriand, bem chato em *Atala* ou em *O Ultimo dos Abencerragens*.

Desenvolvo todas as questões basicas de

nossa côxa educação em um de meus livros (1).

“Uma das maiores pragas brasileiras, muito peor que a dos gafanhotos ou a das saúvas, é a dos *medalhões*..

A querer pontificar em tudo.

No que entendem.

E no que fingem entender.

E’ este *espírito catedrático*, que, muito mais nocivo do que o espírito militar ou a propria maledicencia, altera a medula de todos os individuos neuroticos ou pusilanimes.

Que formam a maioria dos vegetantes.

Seja nos campos de foot-ball.

Ou nas escolas e faculdades.

E faz com que, no primeiro incidente sem algum valôr ou consequencia, qualquer empregado de charutaria, ou professor primario tonitrõe: “o senhôr não sabe com quem está falando; sou compadre do senadôr Pimheiro Machado” (escrevo á pag. 122).

Era preferivel nos colegios de humanidades que nos interpretassem *Os Sertões* ou *Chanaan*.

Graça Aranha expeliu em golfadas o subjetivismo bergsonianio.

(1) Americo Valerio — “Figurinhas, Figurões. (Vultos e fatos da Cirurgia Brasileira)”, 1 volume, 1927. 2ª edição, 1930.

E plasmou-o a seu geito.

Os conflitos, propositais ou inconscientes, de homens e mulheres, sempre egolstras, suspeitosos e inconvenientes, no meio em que vegetam ou vivem, transitam no esqueleto simbiológico de "*A Estetica da Vida*".

Os instintos e a herança predominam na intelligencia e na sensibilidade.

E instintos, herança e atavismo condicionam toda a Vida. Ou toda a Morte.

A herança é a repetição individual, o mais das vezes com as táras e desgraças apri-moradas, na descendencia.

Os instintos ligam-se aos impulsos biológicos.

Ou, melhor, genitais.

A "civilização" (e rósnam que a "civilização" aumenta dia a dia e para prova-lo basta encarar a exploração opressiva de Marrocos, da China ou da India) é apenas a camuflage dos instintos atavicos, sempre á espreita da primeira façanha.

Aumenta a "civilização".

Aumentam e se requintam simultaneamente os crimes, as tiranias e os vícios humanos e sociais.

A instrução e a educação aperfeiçoam este ou aquele prisma.

Mas a carga instintiva latente explóde hoje ou amanhã.

A cultura dá rápida caiação no paiol dos instintos genitais.

E disfarça a *besta*, que sempre existe em todos os individuos humanos.

O homem ou a mulher que frequenta o Automovel Club ou brilha no Hipodromo Brasileiro é somente o selvagem envernizado.

A cultura é a camisa de Venus dos instintos biologicos.

As vezes, se rasga, mesmo com as maiores cautélas. E lá vêm as infecções venereas.

Dizem as velhotas e os celibatarios, batendo, contritamente, no peito descarnado — “no meu tempo não havia tanta imoralidade”.

E mais bobices de igual tom.

E’ verdade, até certo ponto.

“No meu tempo” (20, 50, quasi 100 anos atrás) disfarçava-se a cartucheira dos instintos sexuais nas crinolinas, sobrecasacas, nas cabeleiras longas e empoadas, e nas intriguiçes dissimuladas.

Hoje a coisa é menos encoberta.

Embora tambem não se costumê chamar testemunhas para alguns atos.

A inteligencia e a sensibilidade ficam, assim, em dependencia da vivacidade dos instintos inconscientes, da exaltação ou analgesia genesica.

Sobretudo desta.

E a intelligencia abrange dois setôres bem diferenciados.

Um, o *animal irracional*, — sensibilidade, memoria, imaginação e esboços do julgamento.

Outro, *racional, verdadeiramente humano*, sintetico e analitico, voando ás certezas (que aliás são apenas incertezas provisórias) e ao Infinito (que é uma simples convenção, pois está ao alcance de qualquer micro-organismo, seja o gonococo ou o bacilo da tuberculose).

Salvo para os pouquissimos discipulos de Béchant, que foram belisca-lo da eterna sonéca.

Descartes tem profundas razões.

Aliás os grandes espiritos possuem profundas razões sempre.

Mesmo que no momento aparentemente não as tenham.

Descartes ensinava “L’esprit dépend si fort du *tempérament* et de *disposition* des *organes* (sic) que, s’il est possible de trouver quelque moyen de rendre communément les hommes plus sages et plus habiles qu’ils n’ont été jusqu’ici, je crois que c’est dans la médecine qu’on doit le chercher”.

Era o germe latente do Freudismo e da Bio-tipologia moderna, tão bem encarada pela escola italiana de Barbára.

E que Graça Aranha esfuma, sem o saber, em “*A Estetica da Vida*”.

Vida que, para a maioria dos comediantes deste planeta, não tem estetica alguma.

E’ apenas a Morte homeopatica.

Para ele a propria moralidade é inconsciente.

E, por isso, freudiana.

Embora, ás vezes não haja imoralidade, porque a moral é puramente verbalistica.

E, sim, apenas latente ironia.

Ou cinismo.

Ou alta sociedade.

O que parece se avolumar hoje pela exáta integração do individuo na comunidade (Sociologia ou Simbiologia).

Mas a total integração só talvez como a aconselha Louis Veillot (*Çá et Lá*): “La nuit, seul dans la montagne, quand le torrent mugit, quand les vents grondent, c’est lá qu’un homme sait ce qu’il vaut” (discordo, ás vezes, do Sr. Veillot, sobretudo si o homem está acompanhado da mulher, não impórta o estado civil).

“Le matin, sur les pics élevés, á la naissance de l’aurore, c’est la que l’homme sent la grandeur de Dieu. De son coeur jaillit la priére” (mas é preciso ter deixado a dita mulher em casa, mesmo porque após um terço da caminhada se tem de carrega-la ás costas).

O. K.



E

Espirito Moderno ainda categoriza o apogêo literario de Graça Aranha.

Ha quem não góste deste livro.

E' quasi natural.

Como ha quem não góste de mulheres.

E' anti-natural.

Depende do modo de interpretar.

Ou escrever.

Em relação com as investidas ou os ci-cios freudianos de fulano e sicrano.

Beato é o caróla.

Biato é um negociante desta praça.

Afirmção, com um "f" apenas, pode ser descarada mentira.

Com dois ff é, fatalmente, verdade.

Mesmo que a gente não queira acreditar.

Espirito Moderno é a obra de Arte de quem está saturado de convencionalismo.

Como o universo está saturado de trigo ou café.

Malthus pensou que a humanidade morresse de penuria.

E responsou-lhe a alma.

Encontrou apenas lama.

O que se dá (salvo no capitulo da lama que é pura verdade) é justamente o contrario.

A humanidade morre pela riqueza exagerada.

Pôdre de rica.

Talvez hiperprodução, o que estudo em um dos meus livros *Meu Brasil*, no prélo.

Graça Aranha não queria a repetição da tragedia de nossa borracha (1905-1914).

A inepecia, a rotina, os impóstos de exportação proibitivos em nosso meio e a concurrencia científica das culturas do Oriente trucidaram o nosso maior patrimonio economico-financeiro-social.

E' verdade que a "super-produção" tambem assassinou a industria oriental.

O café foi pelo mesmo caminho. "A tirania inflacionista envileceu o Brasil. Vendeu-o aos ingleses e americanos do Norte.

A tirania deflacionista fez o papel de um energico tratamento pelo 914, em nosso Brasil, chagado pelos Wassermanns fortemente positivos.

Mas, que, desgraçadamente, não foi continuado.

Salvo esta justissima terapeutica anti-luetica (deflacionismo) o Brasil pretendeu depois curar os dôres de cabeça sifiliticas,

utilizando apenas comprimidos de cafiaspirina.” (1)

O cacáo e o algodáo seguem a mesma tri-
lha, dada a incompetencia de nossos dirigentes.

Que só cuidam de si.

E da propria familia.

Não me alongo na explanação destes in-
fortunios porque os detalho em tres dos seus
livros (2).

Graça Aranha não queria a repetição
destes cataclismãs na Arte e na Estetica.

Porque antes da retrogradice, dispa-
tes, dos tramites burocraticos legais, e da “hi-
perprodução”, que atravancaram toda a nossa
vida economico-financeiro-social a botocudag-
em literaria, o plagio e o romantismo já ti-
nham apunhalado o Brasil.

Em literatura não se empregava a ma-
quina a vapôr.

Salvo uma ou outra excepção.

Ainda quasi todos se agarravam ao ara-
do braçal.

(1) — Americo Valerio — “Cinza de meu ca-
chimbo”, 1 vol., 1928, 2.^a edição, 1931, pag. 64.

(2) — Americo Valerio — “A consciencia do ci-
rurgião”, 1 vol., 1925, 2.^a edição, 1931. — Americo
Valerio — “Cinza de meu cachimbo”, 1 vol., 1928,
2.^a edição, 1931. — Americo Valerio — “O Brasil em
cuciro”, 1 vol., 1930.

Como em Taiobeiras.

A intelligencia era um vasto steppe.

Sensibilidade murcha como a papada das senhoras obêsas.

A estetica mostrava o carimbo do paio Brandão Gomes.

Ou ainda tresandava a cuminho.

Dominavam os espiritos improbidosos tanto em arte como nas contas do armarinho.

Ainda se davam estalinhos na lingua com o velhuseco mel do Himeto.

Em vez de se aproveitar apenas os marmores da Atica, para incrementar a construção de arranha-céos.

O Brasil era lamentavelmente esquecido.

Deixavam-se as cambaxirras.

E pranteavam-se em ternissimos sonetos, as agonias dos rouxinões.

Espirito Moderno cometeu, é verdade, um foul bem gritante em nosso espirito literario.

O que o comunismo faz na Russia — tentativa de humanizar a humanidade, o graçaranhismo, neste volume, praticou no Brasil — humanização de nossa literatura.

Instrução inovadôra.

Agudez inteletiva.

Pois, caducou o “mal do seculo”.

Os pensamentos se originalizam.

Panoramas sinceros.

E' claro que os talentos que ainda copíam as lendas atenienses e os filólogos de "soutien" portuense não o entendem.

Tanto melhor para Graça Aranha.

E para as mentalidades moças.

Anatole France já ensinava: "chacun fait son salut comme il peut".

"*Espirito Moderno*" electroradiográfica um instante em nossa pachorra evolutiva.

Aplica, por vezes, o sensacionalismo.

De que tanto usa e abusa a nossa imprensa, que amplia cinematograficamente qualquer homo-sexualidade em Ribeirão Preto ou qualquer facada adulterina no Realengo, em desenfreada busca dos cem réis do zé-povinho ignorante.

O estilo se multifaceta neste livro.

Não esgaravata a semantica, como os garôtos sem instrução esgaravatam, em publico, o nariz.

Não estérca os fungos da sintaxe.

Acentúa a super-vibratilidade propria.

E não a do botequineiro da esquina.

Redige paginas das mais humanas em toda a nossa Arte.

Gladia pelo Patriotismo, Beleza e Verdade.

Mas, por vezes, dá murros violentissimos na ponta da faca.

Inédito quasi sempre.

Projéta-se em cheio o seu refinado sensibilibismo.

Frémito renovadôr.

Sêde ardente, como a das secas do Ceará, de produzir alguma coisa de eterno e de novo em nossa Estética.

Reflejiu a inquietude do ritmo do país.

Profundo senso creacionista.

A simbiose dos contornos artisticos modernos, as irregularidades simbiologicas, os conflitos da natureza, as refrégas dos instintos ousados, atrabiliarios e egoistas, a predominancia da sensibilidade no desportismo das taras hereditarias e da inteligencia, aí estão.

Espirito claro e pratico, porque era um homem de vontade e ideal.

Apreciadôr da historia subjetiva de Roma nas sátiras de Juvenal.

Porém, apreciadôr ainda maior das pugnas amorosas do nordeste brasileiro, apimentadas com uma pequenina dóse das lubricidades parisienses.

E' o estéta a diluir-se no simbiologo.

Este multiplica-se no politico.

O politico se onanisa no redentôr do país, sifilitico do plagiato e das experiencias catastroficas economico-financeiras.

Por isso irritou os sargentos de policia que garatujam romances.

Os romancistas inspetôres de veiculos da gramatica.

E fez adenites supuradas na consciencia ou na inconsciencia dos curadôres de residuos da sintaxe.

Em "*Espirito Moderno*" revela o nosso avanço cultural, até então escondido, pelos cervejeiros audaciosos que tomaram de assalto o lugar dos genuinos escritores.

E que possuem muito mais barriga do que talento e potencia genital.

Sabido que o talento é creado pelos hormonios sexuais.

E estes são mobiloidados pelo lóbo anterior da hipofise.

Graça Aranha sacudiu o ambiente indigena extenuado.

Deu energico puxão de orelhas na Academia milionaria, que ele ajudou a fundar.

Apavorou os burguezes de estomago literario e alma ileojejunal.

Neste volume é, apesar de algumas farronadas, o juiz tolerante de nossas misérias humanas e sociais.

Dá-nos avançados ritmos em todas as manifestações do talento, da sensibilidade e da cultura.

Anima os novos.

Zéla a nossa real instrução civica.

E educação estetica.

O seu ideal centralizou um grupo de intelligencias avançadas, que amam a Luz, a Franqueza, a Liberdade e a Espiritualidade.

Ao terminar a leitura de "*Espirito Moderno*" bem se lhe pôde aplicar *mutatis mutandis*, as palavras de Raymond Hood: (1) "Estou longe de asseverar que, os *artistas que se tornam modernos abandonaram a hipocrisia e a vulgaridade dos periodos passados* (sic) e os que o não fizeram *estão ainda mergulhados no peccado*."

Muitos dos que adotaram artificios externos, a côr, decorações e detalhes do *futurismo* (sic) são *muito menos modernistas* do que os outros cujos trabalhos possam ainda esteriotipar *semelhança externa com as velhas fases, mas cuja concepção é fundamentalmente moderna*.

Na verdade, as mesmas creaturas que *foram hipocritas e deshonestas na sua arte de hontem são hipocritas e deshonestas na sua arte de hoje*. (sic).

Não importa como possam as mesmas ser classificadas pela opinião publica". (O grifo é meu).

Espirito Moderno é, pois, uma obra de encanto, paixão e otimismo.

(1) — The Architectural Forum, nov. 1929.

Raras vezes sob nuanças melancolicas.

Raras vezes, sim.

E quem convivia com o mestre tambem não podia encerrar tal estado mórbido, mesmo passageiro, o que foi bem apreendido, em discurso á beira de seu tumulto entreaberto, pela finura espiritual de Ronald de Carvalho: "Tu nos ensinaste a desprezar a melancolia."

E' verdade.

Sempre embriagado de patriotismo.

As manifestações poliformicas de sua vida cultural fizeram-no uma especie de sádico espiritual.

Espirito Moderno é bem a ficha datiloscópica de Graça Aranha.

Por vezes, desordenado.

Jogo facil dos vocabulos.

Expressões bem ajustadas.

Tiradas psicologicas e psicanalíticas em certos casos paradoxais.

Melodioso.

Vibrante.

Sem assanhado utilitarismo.

Generoso.

Manancial constante de estesias.

Orgulhoso.

Quente.

Cavalheiresco.

Hipertrofiado do Eu.

Egocentrico, tantas vezes.

Alma exuberante, prodiga em dar aos outros tudo o que possuía.

Mesmo que não lhe déssem nada de trôco.

Ou um pontapé nos trazeiros.

Neste livro torna-se, tantas vezes, partidario da filosofia de Emerson, que se estriba no principio de identidade das leis, que regem o mundo fisico e o mundo moral.

Com Einstein estava errado.

Com Emerson está certo.

Mas, o Sr. Emerson sintetizou o que havia a respeito, pois não era novidade.

Já os hierofantes egipcios lemisaram: — “Tudo é o mesmo em toda a parte”, demonstrando que as leis são sempre iguais por natureza.

Mais iguais ainda os homens que as fazem.

E as mulheres que as sópram.

De onde se conclue que Graça Aranha tambem não foi novidade filosofica e psicologica.

Mas si não foi novidade filosofica foi novidade na tremenda agitação dos arraiais da nossa burguezia estetica.

Mas si não foi novidade sempre respeitou o que remoia Polonius, no Hamlet: “This above all, with thine ownself be true”.

Para se ter a idéa do cunho filosofico que

adota a seu talante em "*Espirito Moderno*" basta meditar no seguinte (pag. 15):

"Desde Rousseau o individuo é a base da estrutura social.

A sociedade é um ato da livre vontade humana" (Ah, a livre vontade humana, quanto garróte e quanta impostura).

"E por este conceito se marca a *ascendencia filosofica* de Condillac e da sua escola.

O individualismo freme na revolução franceza e mais tarde no *romantismo* e na revolução social de 1848, mas a sua *libertação não é definitiva* (sic).

Esta só veio quando o *darwinismo triunfante* "(que o diga a Santa Sé) *desencadeou o espirito humano das suas pretendidas origens divinas, revelou o fundo da natureza* (sic) (e por que não a fórmula?) *e as suas tramas inexoraveis*". (Olhem o freudista autentico).

"O espirito do homem mergulhou neste *insondavel abismo* (sic) e procurou a *essencia das coisas*.

O subjetivismo *mais livre e desencantado* germinou em tudo" (não afirmei desde o começo deste livro que o Sr. Graça Aranha distilava o freudismo sem o querer?)

(O grifo é meu).

Excelente pano de amostra.

E tóca o bonde sempre neste diapasão.

Mas não quero, favorecido pelas longas transcrições, que representam o chumaço dos alfaites nas pessoas esqualidas, engravidar este volume de oitocentas paginas.

E' do mesmo têor toda a filosofia e psicologia de *Espirito Moderno*.

Quasi sempre a sua cachacinha.

Nela se moeu para buscar a Verdade.

A Verdade Universal.

E a Verdade Brasileira.

Verdade com V colossal, do tamanho das letras dos anuncios luminosos dos automoveis Ford.

Desconhecia, por certo, entretanto, o pensar de Oscar Wilde — A verdade das mascaras, do livro *Intenções*:

“A verdade universal não existe (sic).”

Uma verdade, em arte é a que tambem conta com uma *contradição verdadeira*.

E assim como, sómente na critica da arte e graças a ela podemos colher a teoria platonica das idéas, do mesmo modo, apenas na critica da arte e por ela podemos realizar o sistema de Hegel sobre os contrarios.

As verdades metafisicas são as verdades das mascaras (sic)”.

Desprezados o estilo ambiguo e a redação inferior ás idéas, Wilde tem razão.

Afinal de contas todos têm razão: Rous-

seau, Darwin, Condillac, a Santa Sé, Ford, Oscar Wilde, Graça Aranha, Hegel, eu, o meu engraxate, a vizinha que se masturba agora em velha e desesperada pianóla e o meu canarinho belga, que parece uma contralto quando desafina e que, certamente, canta pensando no sr. Oscar Wilde.

Ou, o que é peor, no sr. João do Rio, o tradutôr de "*O Retrato de Dorian Gray*".

F

Sibilavam os despeitados que Graça Aranha, apesar dos fatos em contrario, estava em decadencia.

Que o não estava basta lêr e compreender o prefacio, lição de profunda psicologia critica, de "*Machado de Assis e Joaquim Nabuco*", que estudei e re-estudei, quando elaborava um de meus livros (1).

E' trabalho espontaneo o de Graça Aranha.

Sem nugas.

Satisfaz passadeiros e desvairistas.

Um retrógrado diria que ele tirara a sua alma de S. Luiz do Maranhão, comprara passagem de ida e volta á Grecia, em cabine de luxo, e se hidragirara das emanações da velha Dórida (em continencia aos heróes do Pindo).

Um evolucionista afirmaria apenas: prefacio de mestre.

Eu, que não sou retrógrado (graças a Deus

(1) — Americo Valerio — "*Machado de Assis e a psicanálise*", 1930.

e com licença do Sr. Joaquim Manuel de Macedo, não o homônimo meu amigo, meu cliente e ilustre comerciante de couros cortados, mas o autor de *A Moreninha*) nem cubista ou cubeiro da linhagem perigosíssima do Sr. Oswald de Andrade, apoio o evolucionista e também declaro: prefácio de mestre.

Porém recorro a conferência do Sr. Legouvé (um homem que vê tudo e legou páginas das mais formosas sobre Lamartine).

Aliás não valia a pena tanta cêra com o meloso lirista de *Jocelyn*.

Mas vamos ao Sr. Legouvé (*Le Temps*, 19 Janeiro, 1876).

Jurou que o Sr. Afonso de Lamartine, vate assucarado e meditaçoide, ensinava: “Je ne pense jamais; ce sont mes idées qui pensent pour moi”.

Catitazinho.

Aplaudo o veresadô de alma diabetica e colarinhos mais empinados e volumosos do que as barbas do Sr. Henrik Ibsen.

Tem razão o Sr. de Lamartine.

Lamartine não pensa.

Graça Aranha não pensa.

Ninguém pensa.

São as idéas que pensam.

Eu diria que são os testículos e os ovários, com as secreções e excreções apropriadas,

azeitadas pela hipofise, que vaselinam o motor, para que ele pense e aja; sem atritos inúteis.

Uma pequena duvida: as mulheres pensam mesmo?

Terão idéas, com o cerebro (e os pensamentos são as excreções cerebrais como as fezes são as excreções do tubo gastro-enterico) ou com os ovarios?

Ha, de fáto, as que pensam.

Mas não são as frequentes.

O prefacio de "*Machado de Assis e Joaquim Nabuco*" mostra a gestação intelectual e espiritual de altissima expressão filosofica e psicologica..

Nestes periodos magistraes realizou o que Robert de Flers julgava indispensavel: "se donner joliment de peine pour avoir de la chance".

E, com certeza, não os escreveu de fraque e polainas cinzentas.

Escreveu-os de pijama, fumando cigarri-nhos de palha mirrada.

Aí não pontifica o burguez apatacado que, ao sair da casa de rendez-vous onde acaba ás pressas o defloramento de uma de suas humildes costureiras (que se vendeu pelas contingencias egoisticas da vida) cumprimenta muito respeitosaente a primeira igreja, mos-

trando o couro descabeludo, que guarnece o craneo duro e o encefalo desmiolado.

Não os escreveu virando o olho historico para a Via Latea.

E' um prefacio decisivo.

Quem o assina é o homem que, sem malabarismos sintaticos, não tomou de Sófocles as idéas de pintar a humanidade como deveria ser.

Neste ponto se calçou muito bem em Eschylo e descreveu a humanidade (com h pequeno ou mesmo sem h) exatinha.

Humanidade que tudo copia.

Desde as fraldas infantis á ultima opera musical.

O Brasil, parte da humanidade ainda (com licença do capitalismo anglo-americano do norte) tinha que fatalmente copiar tambem.

Plagio desavergonhado.

Monopólio da imitação.

Copiam os cientistas, os literatos, os industriais, os lavradôres, os alfaites e os barbeiros.

Basta lêr um jornal da manhã.

Porque padronisam-se todos.

E nem se precisa lêr os vespertinos.

Porque calmamente copiam os matutinos.

Aliás, sábia medida economica.

E tudo na vida tem de ser encarado desgraçadamente pelo lado economico.

Graça Aranha, neste prefacio, associa as verdades filosoficas e as verdades literarias.

Anatole France perguntava: "Et savez-vous le nom de la vérité littéraire?"

E, ele mesmo respondia: "Elle s'appelle la poésie".

Graça Aranha é, aí, tambem poeta.

E poeta de alto conturno, sem coseuivhices metricas e rimadas blandicias.

A escrever em prósa.

Não do grupo dos individuos cuja inspiração-virilidade consiste em ejaculações lipemaniacas sonetadas.

Selecionando a correspondencia de Machado de Assis e Joaquim Nabuco tece-lhes, antes, algumas considerações de mestre.

Aconselha desfazer o romantismo byroniano de 1840, que ocasionou muitos eczemas pruriginosos nos espiritos pacóvios e hipotiroidêos.

São paginas que se articulam filosofica e psicanaliticamente.

Não ha louçanias dialéticas.

Ha idéas.

Acção.

Belêza.

Os pensamentos não tem as nuanças das côcadas pretas.

Pótençial de constante brasilidade.

Mostra-nos as características de Machado de Assis e Joaquim Nabuco sem o auxilio de qualquer lupa.

Entalou apenas um caco de vidro á guiza de monocular.

E olheu e viu muito mais do que os outros ao poderoso microscopio Zeiss.

Toda a obra de Machado e Nabuco lhe era familiar.

Com eles e mais José Verissimo e Taunay privou em maior intimidade na redação da antiga Revista Brasileira, dirigida por Verissimo, peso-pesado da critica indigena.

Esta Revista foi o chôco da Academia Brasileira de Letras, da qual Graça Aranha é um dos fundadôres, ex-ocupante do n. 38, cujo patrono é o Sr. Tobias Barreto.

Da Academia Brasileira de Letras se divorciou em 1924.

No prefacio do livro "*Machado de Assis e Joaquim Nabuco*" pincela exatamente: "O heroismo de Joaquim Nabuco foi o de separar-se da aristocracia e fazer a abolição.

O heroismo de Machado de Assis foi *uma marcha* (sic), inversa, da plebe á aristocracia pela ascensão espiritual.

Ambos tiveram que romper com as suas classes e heroicamente afirmar as próprias personalidades”.

Bem, radioscopado.

Machado de Assis é o analista freudiano, amante da logica.

E que se limitava a sorrir.

Isto eu deixei bem exemplificado para os que entendem a leitura e conhecem a obra de Freud, no volume d minha autoria (1).

Nabuco é o abolicionista sentimental, o politico sintetico.

Machado sorriu das miserias humanas, que, ele se limitou, via de regra, a escancarar, psicanaliticamente.

Nabuco prantêa a escravatura dos negros.

A primeira republica brasileira decretou a escravatura dos brancos.

Machado de Assis era um dos idolos de Graça Aranha.

O maior, talvez.

Joaquim Nabuco já o tinha anatomizado em uma conferencia “Mocidade heroica de Joaquim Nabuco”, algo exagerada em certos conceitos “heroicos” (pois Machado, para ele, só girava no “heroismo”) porque Graça Ara-

(1) — Americo Valerio — “Machado de Assis e a psicanálise”, 1930.

na, como aliás os genuínos brasileiros, não conhece o meio termo.

8 ou 80.

A destruição tácita.

Ou a veneração paranoide.

No prefácio de "*Machado de Assis e Joaquim Nabuco*" difundem-se as próprias individualidade e personalidade de Graça Aranha.

Mas os predicados de Machado repontam mais facilmente do que os de Nabuco.

Machado é tal qual.

E isto é tanto mais curioso quanto Machado era profunda e exclusivamente tectónico.

O mundo exterior poucas vezes o desacorrentara.

Braz Cubas decalca Machado de Assis ao sussurrar: "Deixava borborinhar em volta do meu corpo a *gente humana, sem a ouvir*, como o *Prometeu de Eschilo* fazia aos seus verdugos". (O grifo é meu).

Puro freudiano.

Entretanto, Machado bem podia abandonar de vez o Prometeu, a praticar a opoterapia hepática no abutre.

E a alimentar as façanhices de Hercules.

E as herculices literárias antipodas de Eschilo.

Que apenas hoje comovem as mentalidades jupiterianas.

Mas deixemos o Prometeu, seu digno irmão Epimeteu e Exma. Senhora.

Porque não é justo citar hoje o Sr. Prometeu sem render respeitosas homenagens ao Sr. Epimeteu, o imprudente marido de Pandóra, a linda Eva dos gregos (com permissão dos Srs. Machado de Assis e Graça Aranha) que fez o que certos maridos ainda fazem: mexer na caixinha fatal sem as devidas cautelas.

Uns perdem a liberdade física.

Ou apanham blenorragia.

Outros perdem a esperança.

O que é muito mais grave.

Mas continuemos a introspecção freudiana machadista.

Linhas adiante Braz Cubas ou Machado confessa:

“O voluptuoso, o exquisito, é *insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras de nervos e paixões*” (Graça Aranha adorava o contrario) “*decretar-se alheiado, inaccessible, ausente (sic)*”.

Em que pesem as *ausencias epilepticas* de ambos e a psico-neuróse infantil a desdobrar-se nos vultos que pescaram do cenario da vida.

Graça Aranha voltava, ás vezes, o pensamento e a alma para fóra.

Mais atectonico.

A venerar o bulicio social.

Entretanto, muitas vezes, espipou os proprios olhos para dentro do seu Eu (introspecção).

Mas isto em vez de o interiorizar gradualmente, como sucedia a Machado de Assis, um de seus modêlos, por frequente paradoxo o exteriorizava cada vez mais.

São varias estas *incoerencias* e *lapsos* em sua obra, prato de sustancia de Freud.

Incoerencias e *lapsos* que lhe dão um sa-
bôr espiritual.

Que o aproximam de Joaquim Nabuco, outro modêlo seu.

E lhe ficam, tambem, o subsidio freu-
diano.

Em certos casos si Graça Aranha se desgarrar inteletualmente para o mundo da lua a envergadura da materia e do espirito não se acorrentava nas cimalthas do Caucaso, como Prometeu, a quem a ave de rapina prometia a morte pela necrobiose hepatica, si não fôra a herculea empreza do gigante que asfixiou o leão de Neméa e a hidra de Lerna, como diria um prosaico e chuchado carpidôr da mitologia antiquada nesta éra dos sofregos zepelins.

Psique refinadissima de ultra-civilizado, desencarna em Paris, para mais facil projecção a todo o universo.



G

A *Viagem Maravilhosa* é o seu verdadeiro canto de cisne.

Não do cisne de Mantua.

Ou Pesaro.

Mas do cisne de S. Luiz do Maranhão.

Mantém a mesma luminosidade do mestre de *Chanaan* e de *Espirito Moderno*.

Refiro-me ao conjunto.

Mesmo porque já tenho feito esta ou aquela restrição no decurso deste livro.

Verdadeira ansiedade esperava *A Viagem Maravilhosa*, berrantemente anunciada pelos editôres.

E alguns discipulos que almejavam pular á sombra do maranhense.

Graça Aranha estava radiante.

A Viagem Maravilhosa exhibe a pioemia do romantismo, um dos assassinos de nossa patria.

Espiritos engoiabados copiavam, no Brasil, Frei Luiz de Souza.

Ou Byron.

E ainda copiam.

A alma indigena estácara em menopausa.

Salvo uma ou outra excepção.

E' claro.

Era indispensavel um valente sôpro inovador.

E Graça Aranha deu-nos um ciclone.

Panorama extraordinario de novas e multiplas facetas artisticas.

Obra de agitação e renovação levantou de puritanoides e pensadistas tanta celeuma como os matches de foot-ball paulistas e cariocas.

Para a maioria Graça Aranha é um genio.

Para outros — um cabotino.

E para alguns — um falhado.

Sintese dos ideais revolucionarios, que chegou a vêr concretizados, ele que tambem soffrera as agruras morais, fisicas e espirituais dos governos despoticos.

Associa o revolucionario estetico ao revolucionario politico.

Amalgâma todos os anseios endemicos de novidade e juventude perpetua em Graça Aranha.

Anseios que se tornam surtos agudos epidemicos desde 1924, quando desafia a remançosa Academia de Letras.

Sempre esfaimado do inédito.

E da mocidade perene.

Não resonou á sesta dos louros.

A missão capital era remexer o pantano literario brasileiro.

Exagerou, por certo, a mais desbragada licença espiritual e literaria.

Mas isto foi um beneficio.

Curetados os espinhos grosseiros appareceu verdadeira Arte nacional.

Em *A Viagem Maravilhosa*, próva, com chave de ouro, que é lidimo literato.

E talento emancipado.

Radagasio é tipo freudiano.

Tereza categoriza em tudo que o é tambem.

“... Ia-se deixando conduzir como uma sonambula” (pag. 182).

São as primitivas neuróses infantis a predominar em toda a vida.

Os conflitos de Edipo, reliquats das erianças, a mostrar toda a consciencia “normal” e patologica do individuo.

E a resumbrar a alma artistica, psiquica e cientifica da humanidade.

Tereza tinha o Eu hipertrofiado ainda mais em face das ligações fatais com o mundo exterior.

Radagasio era um obsessivo emocional e intelectual.

As obsessões e impulsões são as escórias psiquicas das degenerações mentais.

São átos reflexos prementes.

Dependem de estados emocionais pre-conscientes (1).

Felipe *sublima-se* com frequencia.

Isto é, os seus impetos sexuais, diluidos neste ou naquele pensamento assexualizam-se na estrita ligação com os instintos biologicos.

As idéas e as acções amorosas de Tereza são genuínos *symbolos* freudianos.

E os *symbolos* representam as idéas conscientes, substitutas de outras idéas inconscientes.

Emquanto os *complexos de Edipo* são os anseios inconscientes (*nuclear do inconsciente*, para Freud), de fundo precisamente genital.

O amôr, com as mil e uma variantes, otimas ou sujas, são os “motivos” primaciaes de tais anseios.

Basta lêr e entender (pag. 173, “*A Viagem Maravilhosa*” :)

“... O amôr de Felipe atuava sobre o amôr de Tereza para impôr a magia do encantamento e da força com que ela vencera todas as contingencias e se *libertara* (sic) de toda a servidão.

Felipe, que vivera longamente na *ascen-*

(1) — S. Freud — Psicopatologia da vida diaria. Introdução á Psicanálise, e Tres contribuições sobre a teoria sexual. — Ernest Jónes — Trabalhos sobre a psicanálise.

ção espiritual e que, de realidade em realidade, se manifestava *homem de pensamento e de acção*, sentiu-se *deslumbrado* (sic) quando o *milagre do amôr* (sic) se produzia em Tereza.

Desde então, renunciou a qualquer outra atividade.

Para que prosseguir na obra do *deslumbramento*, na expressão da imagem, na acção política, se a vida, na sua *maravilha suprema*, (sic) se revelava emfim em um sêr, onde a beleza da fôrma, o fluido da intelligencia, a vibração, o *entusiasmo dos sentidos*", (diria melhor o entusiasmo dos instintos) "se exprimiam pela *transcendencia do amôr*" (sic)?

"Felipe torna-se o *heróe da intelligencia*" (Graça Aranha gasta a rôdo os termos "heróe", "heroína", "heroismo", não fosse ele um heróe danunziano autentico), "que se completa no amôr".

(Talvez fôsse melhor o heróe do amôr ou das târas instintivas biologicas que se completa na intelligencia, como Tereza é o proprio Felipe).

"... Tereza, a pura *heroína do amôr*" (ou dos instintos) "que se faz intelligencia, arte, religião, vence a natureza e *realiza com o seu amado a unidade infinita*" (sic — o grifo é meu).

E' a *sublimação patente*.



O eterno conflito dos instintos biológicos e as taras ancestrais.

O pan-sexualismo.

Única razão de ser das vidas que realmente vivem.

Fonte perpetua do Amôr.

E quem diz Amôr sinonimiza a Vida.

E' a confirmação do freudismo, a investigar o amago dos fenomenos por suas origens naturais (instintos, criança, inconsciencia).

Do consciente individual finca-se Freud, o grande metafisico-psiquista vienense, no inconsciente.

Do individuo adulto corre á criança, ao fêto, até a vida intra-uterina.

Partindo das neuróses, emoções recalçadas, sonhos, sobretudo os sonhos latentes e a sexualidade interpreta a vida (1).

O animal racional é anexado aos irracionais.

Introspeciona-se, assim, o inconsciente.

Radiografam-se os *complexos*, a *libido*, a sexualidade, a Vida, em suma.

Endoscopam-se os caratêres instintivos.

Daí um abismo ilatico em referencia ás

(1) — Sigmund Freud — Das Unbehagen in der Kultur. Inst. Psych. Verlag. Viena, 1930.

artes, literatura, ciencias, simbiologia, educação, etc.

A educação sexual, calcada no subsidio freudiano, aprimóra o individuo.

E defende a sociedade.

Refunde-se, pois, toda a instrução caduca.

E a perrengue educação.

A revolução faz-se desde a primeira infancia.

Ou, melhor, desde a situação intra-uterina.

Creou-se a *pedanalise*.

Ou a aplicação dos processos sexualistas ás crianças.

E' um ramo autonomo, profundamente instintivo, ligado á moderna *Pediatria* (1).

No patriotismo inflamado e no amôr tropicalista girou a vida de Tereza e Felipe.

"Antes da revelação do amôr, Tereza permanecia na desolação (sic).

As forças conscientes a *confinavam* na *relatividade* social (sic) e inpediam o surto da sua *magnifica natureza*. Para encher a separação, que se abrira entre a sua *alma e o universo* (sic) a *religião não fôra suficiente*".

(E' um dos poucos erros de Linus Bopp,

(1) — Vêr Linus Bopp — *Modérne psychanalyse*, *Katolische Beichte und Paedagogik*, 1923 e Renato Jardim — *Psychanalyse e Educação*, 1930.

dado o seu espirito extremamente catolico, na obra citada, admiravel em conjunto, mas restrita neste ou naquele ponto que colide ou pretende, na sua opinião, colidir com as doutrinas do Santo Papa).

“Não encontrou nela (religião) a *perpetua alegria*” (textual).

“*Só o amôr dá a plenitude espirital e sensorial e nos integra na inefavel unidade (sic), em que a dôr cessa*” (às vezes aumenta) “*e o sêr se abisma na beatitude.* (o grifo é meu).

Graça Aranha não pertenceu á falange negativista de Aristophanes, Renan, Thackeray, embora lêsse e relêsse a admiravel “*Vanity Fair*”, e Anatole France.

E’ mais humano.

E, sobretudo, mais patriota e civista.

Enxameiam em “*A Viagem Maravilhosa*” as manifestações de variada sensibilidade e de morbida vibração.

Ritinha é uma especie de guarda-civil daquelle amôr tão incompreendido.

Jujú “magina” automatica e instintivamente certos misteres da vida quotidiana.

São tipos caçados, com vida, da propria vida.

Attestam o sagaz pesquisador, o ironista subtil, só raras vezes mordaz, o microbiologo

freudiano, o analista intuitivo, o ideologo e o realista da Vida.

Admirava, por isso, Rabelais porque o sentia profundamente humano.

Gostava de viver no ambiente puro das idéas.

Para melhor perscrutar as táras de homens e mulheres, especialmente destas.

Valia-se dos afagos femininos.

Porque neles enxergava a carga inexorável das manifestações hereditarias, sintonizada no territorio tubo-ovarico.

E quem não gósta de se valer?

Ou ser valido?

Coabitava fraternalmente com os moços porque sorria de suas audacias e imprevidencias.

Espirito translucido compróvo em "*A Viagem Maravilhosa*" que o escritôr ainda não déra tudo o que poderia dár.



H

Para engrossar este volume não vou (a praxe indigena, como tomar café após ás refeições), transcrever a sua certidão de nascimento.

As pessoas que presenciaram um de seus bóta-fóra rumorosos, no reverso da medalha, os bóta-dentro (salvo seja).

O seu atestado de obito.

Ou os admiradores e indiferentes que seguraram as alças do caixão. (27 Janeiro 1931).

Quero frizar após o setimo capitulo e para não fazer um livro de sete partes, e setimo é o numero que os mentirosos adóram (sem aludir ás suas missas de setimo dia muito concorridas) quero frizar os pontos fundamentais na vida e na obra do Sr. Dr. José Pereira da Graça Aranha.

O maranhense é um epileptico e um psicopáta do tipo dos *iluminados*.

Como tantos acompanhei quando peregrinava, na sexta série médica. (1920) pelo Hospital Nacional de Alienados, ali na Praia Vermelha.

Mas que são incapazes de engastar *Chanaan* ou *A Viagem Maravilhosa*.

As desordens, destes *iluminados* (e basta refletir no seu papel revolucionario, teórico persistente, social, literario e politico, preso, humilhado por ocasião de certos episodios militares rebeldes e coniventes em espirito com todos eles de 1922 a 1930) ligam-se a traumatismos emotivos originaes, de cunho sempre sexual, onde o freudismo despista os *complexos de Edipo*.

Quem pretender se aprofundar nestas questões que faça o que eu fiz.

Leia a *Névrose révolutionnaire* de Cabanès e Nass (1906).

Tambem Lombroso (*O crime politico e as revoluções*) traça a proposito algumas de suas paginas mais humanas.

Tais *complexos de Edipo*, umbilicados á mais remota infancia e mesmo ao periodo fetal, desentendem-se frequentemente.

Como as senhoras sogras e os srs. genros que prezam a tradição.

E, inconscientemente, anulam a personalidade consciente.

Riquissimo manancial para os freudistas.

Daí o temperamento engalfinhadôr platónico e o sentido paradoxal de certas acções de Graça Aranha.

Constantes alucinações perpassam em seus personagens.

E as alucinações exibem o sinete genital.

Obsessões e impulsões pululam anexadas ao aparelho sexual.

A sua idéa obsedante, que se apresenta mesmo que a vontade pretenda afastá-la, foi a vitória integral do espírito brasileiro.

Um Brasil-brasileiro.

Um Brasil berrando ao cantando as formidáveis canções das cataratas do Iguaçu.

Que devem exterminar as cataratas oculares e cerebrais dos patricios perversos.

Que não querem, de proposito, olhar e vêr.

Fez um barulhão dentro de casa para acordar a má vontade nacional.

Má vontade?

Bôa vontade?

Os simplorios e os teóricos julgam que a méra distribuição de papezinhos de côr variada pelas casas de negocios metamorfosêa o Brasil dorminhoco.

O Brasil que só vê o estrangeiro.

O Brasil-minhóca.

O Brasil estatico.

Transforma-o em um Brasil dinamico.

A assombrar o universo em todos os ramos de atividade humana.

A campanha de bôa vontade.

E' certo que a bôa vontade vale muito na vida humana e social.

Vale mesmo um terço da vitoria.

Entretanto, sózinha, restam dois terços de outros fatôres para o triunfo duradouro.

Um doente que tenha bôa vontade quando toma os medicamentos, cumprindo, sem pestanejar, as ordens do médico e enfermeiro, sára mais depressa do que o outro que torce a cara ás colheres amargas do remedio e ás picadas dolorosas das injeções.

Ou desconfia do esculapio.

Ou julga o enfermeiro um algoz.

Um crêdor de bôa vontade facilita o pagamento em prestações suaves, não atenaza o devedor, de maneira que, no final das contas, receberá o seu dinheirinho integral e sem aborrecimentos.

E a sua ex-vitima (mesmo que os juro das prorrogações sejam de agióta) retomará o crédito.

Um politico, que recebe sempre de bôa vontade os seus eleitôres gozará prestigio mais solido do que o pagé que só faz blandicias nas vespas dos pleitos.

Uma esposa cordata suportará de bôa vontade as diatribes e ciuadas do companheiro rabujento ou desconfiado do que a possuidôra de genio de jararaca.

Um caixeiro de loja a varejo que não faz desconsoladas caretas quando desce das prateleiras caixas e caixas de amostras, para gaudío da fregueza exigente e neuropata, tendo o sorriso (mesmo amarelo) da bôa vontade, tem bastante chance de progredir.

Não escrevo “um sorriso nos labios” porque o sorriso só pôde ser nos labios faciais.

Pois os outros labios costumam, ao que me conste, não sorrir.

E quando sorriem é o diabo.

O especialista de vias urinarias, o ginecologo, ou o ajuste forçado em alguma das pretorias.

Um rosto fechado, de máu humor, não fará bons negocios.

Não terá exito seguro e rapido na vida.

E' claro que isto não significa bajular, subservir.

Cada um deve ter a sua indepedencia moral e espiritual.

Não basta, pois, sorrir.

Impõe-se mais alguma coisa.

Não é o suficiente meia duzia de senhoras da alta sociedade, muito bem intencionadas, e ainda mais patriotas e uma dezena de cavalheiros empertigados, porém guardando invariavel sorriso, e que não têm mais o que fazer, espalhar cartazes pelas casas de armarinho

e portas de botequins — “sorriam”, “sorriam”.

As bobices examineiam:

Conservem o seu sorriso, o sorriso é a alma da vida, sorriso aplaca os odios e as misérias, o sorriso levanta o cambio (como levanta as comissuras labiais), o sorriso paga as dividas, o Sr. presidente Hoover, mesmo zangado, sorri, o Sr. principe de Gales sorri, mesmo quando cáe do cavalo, o falecido fulano de tal sorria sempre (e nas vascas da morte conservou o tradicional sorriso), Haroldo Lloyd, sorri habitualmente, mesmo que não some os milhões de dolares e que não exhiba as suas macaquices para a segunda infancia e moças incasaveis.

E outras frivolidades do mesmo estôfo.

E viva a patria.

Tais infantilices não podem minorar a profunda crise economico-financeiro-social que aí está, reflexo dos descabros que flagellam o mundo.

Sorrir é um terço da vitoria.

Mas é preciso que estas damas bem intencionadas (e o inferno está repleto delas) e estes cavalheiros empertigados e altruistas façam alguma coisa mais, do que espalhar cartazes coloridos e pueris.

Restam os outros dois terços (não é a lei dos dois terços em ordem do dia no Brasil).

O jogo do bicho ou a loteria do Rio Grande do Sul, desde que nos limitamos a sorrir, não resolve o caso.

Sorrir sempre.

Mesmo diante de um defunto.

Muito bem.

Com o sorriso conquistam-se o dinheiro, o conforto na vida social e mulheres conquistáveis.

Isto é, desde que as viúvas que possuam prédios, as serigaitas casadinhas ou solteironas, mas ricas, correspondam ao sorriso.

Mesmo o sorriso ou o riso bilioso.

Ou sexual.

E na verdade com um sorriso (sobretudo de um coronel recheiado) certas mulheres também sorriem.

O dinheiro sorri mais sugestivamente.

Nóta ou carinho, já glosaram certa vez.

Vale mais a nota.

Entretanto, as duas coisas juntas não são de desprezar.

Cruzada da bôa vontade.

Graça Aranha antecipou-se de muito a esta campanha.

No seu final bem mereceu o classico busto em bronze, com a indispensavel discursofilia.

Rompendo com a crónica má vontade indigena nas primeiras refregas profilaticas fez



mais do que a illustre comissão das segundas li-
des, que se limita a disseminar cartazes de cô-
res berrantes pelas lojas de negocio e junto das
manicures.

O que parece até proposital.

E alguns desenhos passadistas.

Como a justificar a psicologia popular:
que não sabe lêr vê figuras.

E' mais um méritozinho a juntar aos mui-
tos méritoções de Graça Aranha.

Incontestavelmente um de nossos azes es-
teticos.

Embora por vezes, ficasse com a cara de
quem correu muito.

E, afinal, perdeu o onibo.

Graça Aranha, ao lançar, em 1903, *Cha-
naan*, justificava o dilema fatal: independente,
ou parasita.

Aguia ou tenia intestinal.

Era o primeiro brado de renovação este-
tica.

Em 1921, ascarizado pelo marinetismo, ali-
cia amigos, sobretudo jovens, transfórma o seu
apartamento em sessões da Arcadia (per-
dõem-me os canones classicos).

E ecôa o segundo clamôr.

Em 1930, "*A Viagem Maravilhosa*" é a ter-
ceira bombada, que aterroriza os nossos bur-
guezes artisticos como o bolshevismo san-

grento apavóra os governos tímidos ou tiránicos.

Em 1903 o mundo culto se espanta com as idéas e o ideal de *Chanaan*.

Em 1921 é o preparo da “Semana de Arte Moderna”, para 1922, em S. Paulo.

Aumentou o pasmo e a confusão.

A desorganização brasileira attingira o auge.

O dôlo e a sabujice eram correntes moedas.

Mais valorizados que o nosso desgraçado papel-moeda.

Meio seculo de atrazo na esfera intelectual e espiritual.

Duzentos anos de senetude moral.

De 1922 a 1924 Graça Aranha centraliza teoricamente a revolução mental.

E quem diz mental diz intelligencia, talento, sensibilidade e carater.

Sobretudo, carater.

Em 1924 é a expulsão da placenta academica, num feliz golpe de cureta, sem qualquer anestésico.

O imortal cenaculo não lhe corporifica as idéas e ideais modernistas.

Modernistas porque são de pura Arte.

E *Chanaan* já os indicara, embora divulgado ha longos 29 anos.

Arte é Arte.

A Arte é sempre futurista.

E' eterna.

Semêa aos quatro ventos "*Espirito Moderno*", e de firma as subtilezas do tabú evolucionista.

Os romineiros engolem em sêco.

Os borberigmos academicos sulfidrisam o ambiente amornado.

A maioria dos moços compreende a sua visão portentosa: um Brasil-brasileiro.

E ajuda-o.

Salvo os que se agrupam, em S. Paulo no "antropofagismo".

Que o taxam de adesista e oportuneiro.

Não lhe alcançam as intenções inovantes.

O mesmo papel dos ventiladôres.

Agitar o meio.

Oswald de Andrade, o antropofago-papista, alude ao seu "modernismo atrazado".

Jackson de Figueiredo (e Graça Aranha no "*In Memoriam*" lhe traçou algumas de suas mais expressivas frases), Jackson de Figueiredo, enfeixando o espirito catolico, arremessa-lhe com o "individualismo pernicioso", "naturalismo anacrónico" e demais creancices.

Os velhótes abominam-o.

Os prostáticos da Estésia acreditam-o doido varrido.

Na Academia Brasileira de Letras estabelece-se o pugilato literario.

Coelho Neto simbolisa a velha geração.

E' carregado aos hombros.

Graça Aranha embandeira em alicó os mastaréis da casa.

Pegam-o tambem ás costas.

A Academia foge, esbaforida, de sua plataforma de resurreição.

Graça Aranha fôge da Academia.

O enxerto pegou de galho.

O Brasil só teve a lucrar.

Os clarins businam o triunfo.

Os velhos voltam ao cochilo.

O nosso retrogrado espirito literario se desespirtualiza.

Desordenados moldes dominam todas as nossas Artes.

O graçaranhismo é um fáto.

O mestre categoriza-se o magistrado supremo de nossa vida litero-social.

Como já o era, inegavelmente, desde o lançar de *Chanaan*.

A revolução literaria se emparelha á revolução politica.

Ambas têm profunda finalidade social.

O primeiro cinco de julho (1922) solapa a monarquia republicana (primeira bernarda dos quarteis).



Graça Aranha é perseguido pela politica-policia.

Como todos os espiritos livres.

O segundo cinco de julho (1924) infiltra gradualmente a síndrome de rebelião material, a se opôr, como já frisei, á síndrome engrossocoeica, que aviltava o Brasil (segunda bernarda dos quarteis).

As perseguições e as deportações se incrementam.

Conspira-se em todos os sotãos.

A culpa é dos oportunoides.

E' a época do aparecimento do prefacio de "*Machado de Assis e Joaquim Nabuco*".

Os mesmos anseios renovadôres vibram em toda a parte.

Graça Aranha é enclausurado.

O estado de sitio se eterniza.

As intentonas explódem.

Algumas tramadas pelos proprios governichos interesseiros.

Desde 1926 a ditadura legal se disfarça.

O pagé-mór demite sumariamente os juizes.

Mas exhibe-se sorrindo nos circos e praças publicas.

A vida encarece.

O legislativo se anula.

O judiciario se encolhe em suas togas salpicadas dos gonococos da politicagem.

O trono eleitoral se alue, progressivamente.

Em 3 de Outubro de 1930 rompe a revolução popular tão esperada.

Era o fim da senzala pseudo-democratica.

E' o inicio do povo amotinado farto das zebrices officiais e officiosas.

Ao qual se anexaram os quarteis militares em rescaldo crónico.

A bergamóta prestista não o póde evitar.

O washintonismo era bananeira que já tinha dado o seu cachinho.

Graça Aranha dedilha as mesmas agitações morais, espirituais, fisicas e intelektuais do país consciante.

Que não deseje mais a escravidão da alma.

Peor do que o negrôr da escravatura humana.

"*A Viagem Maravilhosa*" engulha os senhores taberneiros, que, nas horas vagas, carnesecam os versos e escorropicham a prósa.

E que, por isso mesmo, são imortais.

Chanaan, A Estetica da Vida, Espirito Moderno e A Viagem Maravilhosa se completam.

Embora distanciados no fundo e na fôrma.

Hifen de velhos e sempre novos anseios.

Estados parciais de consciencia.

Renovação por etapas de toda a nossa vida artistico-social.

Idolatria da Beleza e Mocidade.

Desprezados os individuos que só fazem a barba ás segundas, quartas e sextas-feiras.

Matematicamente.

A's sextas-feiras se escanhôam, pensando que assim se conservarão até segunda-feira proxima.

Chegam a perder um baile ou um piquenique, com imenso pezar, porque era um sabado ou domingo.

E não podiam comparecer de barba crescida.

São os acusadôres de *Chanaan*, ou *A Viagem Maravilhosa*.

Livros a corporificar a Patria, a Mulher, a Beleza, o Amôr, a Vida.

Fiel, entretanto, ao conselho de Vargas Vila: "ama la mujer; no ames el amôr".

Embora ás vezes, as suas tiradas filosoficas e psicologicas freudianas machuquem mais do que as cintas abdominais mal colocadas.

Basta raciocinar em Monteiro (pag. 372, de *A Viagem Maravilhosa*), e subentender, simbiologicamente, a justeza das expressões causticantes: "... O Brasil que eu sinto e a

que dou o meu sangue é uma terra, *em que o homem está esmagado pela Tirania* (sic), em que as populações morrem na miseria, em que ha *senhores e escravos* (sic), em que não ha *justiça nem direito*, em que um grupo de individuos *usurpou o poder para o seu proprio interesse*".

E' a chapa geral, que tambem assemelha pedacinhos de artigos, conferencias e discursos meus no Partido Democratico do Distrito Federal, na Aliança Liberal e no "*Correio da Manhã*", "*A Manhã*", "*O Combate*" ou "*Diario de Noticias*".

"*Esta dolorosa e premente atualidade absorve o meu espirito*". (Atualidade de 42 anos de republica anti-republicana).

"*Pela libertação do Brasil de todo o despotismo* (sic), e de *toda a vilania, é que me bato*"... (o grifo é meu).

E mais adiante: "*E um dia todo o sertão flagelado*" (e despertado o da Baía pelo genio euclideano), "*martirisado, reclamará a partilha das terras*" (sic) (os zoilos açoitam — comunista) "*se levantará contra os latrocínios, contra as cidades burguezas cosmopolitas* (sic) e *traficanes*.

Nesta marcha do sertão, a redenção do Brasil" (o grifo é meu).

Justissimo.

Euclides da Cunha tem bastas razões.

Os “coroneis” impúdicos desgraçam os enfermiços sertanejos (lues, tuberculose, doenças venereas, verminóses, paludismo, alcool, etc.), e analfabétos, a trabalhar sempre para o bispo.

Os latifundios egoistas e improdutivo, representam, com os “coroneis” aladroados, as molestias endemo-epidemicas e o etilismo dos compatricios, as quatro grandes pragas nacionais, verdadeiros perigos a dividir e a prostituir o Brasil e os brasileiros.

O estilo de *A Viagem Maravilhosa* é profundamente pessoal, como a sua ficha datiloscópica.

Original sentimento estetico a refletir o nosso clima, as nossas táras, os nossos habitos.

A terra brasileira.

A ignorancia brasileira.

As maluquices brasileiras.

A gente brasileira.

As imensas possibilidades brasileiras.

Sem piteirices de gramatica.

Chutando os classicos pelos nossos lundús.

Em vez da Iliada — as turbinas.

Mecanização de todas as energias.

Espiritualização de todos os esforços.

Em divergencia dos literatelhos que defecam basofices.

Repugnam os tratôres e as polias.

E escrevinham os seus livros na verbiagem dos anuncios do Armazem do Sol.

São da mesma mentalidade, energinada a carvão de coque, dos que mandam botar rodelinhas de borracha nos saltos dos sapatos para não gastá-los.

Pobreza franciscana de idéas.

Ideal cataporento.

A garatujar ainda como soletravam na idade infantil das perebas.

E nem com as doenças venereo-sifiliticas das primeiras arrancadas uretrais se modificaram.

A Viagem Maravilhosa é a vida em acelerado.

Nada inutil.

Aproveita-se nela até as inguazinhas.

Que as tem, por certo.

Como se faz ao caroço de algodão.

Outróra apenas servia para distrair as mandibulas do gado.

Que não tem a distração de Marlene Dietrich como os homens anfetropos.

E as mulheres salpingovariticas.

Hoje o caroço do algodão é uma fonte industrial de primeira ordem.

Que o diga Agua Branca, em S. Paulo.

Chanaan é o ritmo inquieto de um futuro Brasil.

Espirito Moderno é a cadencia alucinante de um Brasil-brasileiro.

A olhar as sibipirunas e os monjões.

E' a obra potencial interpretativa de nossa vida.

A ansia do Desconhecido.

A insatisfação epidemica da curiosidade.

Abundam, é certo, os ares egoístas, as intenções pequeninas de alguns personagens, como a bisar Lésage, no *Gil Blas*.

Mas, idéas como cisco.

E roupagem bem ajustada.

Sem esmolas linguisticas.

Sem conversa fiada.

Virtuosismo da estetica.

Arte congenita, gorgoilada pelos idéais os mais altos.

O ritmo creadôr jamais esmoreceu.

Homem de idéas e ideais defendeu-os em to los os terrenos.

Sem se importar com as consequencias immediatas e tardias.

Ou os disse-me-disse dos despeitados e alcoviteiros.

Apezar de ferozmente combatido obteve na vida literaria triumpho integral.

Tem razão Oscar Wilde: — “o publico é

prodigiosamente intolerante: tudo perdôa, menos o genio” (Gilberto, na 1.^a parte do Dialogo de “A critica e a arte”, do livro *Intenções*).

Não é bem o publico.

O publico é figura de retorica.

O publico brasileiro é a mole amorfa de 80^o de analfabetos.

O nosso publico são os 20^o dos que se julgam mais sabidos do que os outros.

Mas, as vezes, apenas se embrulham a si mesmos.

A idéa fixa de Graça Aranha, após a guerra de 1914-1918, era a renovação de fond en comble da mocidade brasileira.

A pag. 21 de *A Viagem Maravilhosa*, filósófa Manoel, repisando os conceitos graçaranhistas: “A mocidade esteve no Brasil longo tempo servil, dando tristes sinais de decrepitude. Ela estava na *indolencia* e formava na clientela dos politicos.

Não era mais a *mocidade desinteressada, que fez a abolição e a republica*, era uma massa (sic) ingente, miseravel, viciada pela volupia e procurando o dinheiro no jogo, nos empregos publicos, nos negocios equivocos. *Uma materialidade absoluta unia solidariamente velhos e moços*” (o grifo é meu).

Nem tanto ao mar.

Nem tanto á terra.

A *mocidade desinteressada* sempre existiu na abolição, na primeira republica, nas lutas anti-despóticas das cruzadas de Rui Barbosa e Nilo Peçanha.

E na segunda republica.

Os velhos (embora Graça Aranha fôsse um velho-moço, velho na carcassa fisica, mas de espirito eternamente joven) sempre exclamam: no meu tempo.

E alguns pégam a chorar.

E outros tocam a tossir em sêco.

Que é a camuflage do pranto.

A maioria quando brada — no meu tempo — pensa logo, automaticamente, no cancro duro ou na metrite blenorragica.

Mas com outros rótulos.

Moços altivos e idealistas sempre existem.

Existem.

E existirão.

Com ou sem licença do Sr. Graça Aranha. E' certo que, 45°|° da mocidade representam a corrupção e o interesse escuso.

Porém os 55°|° restantes vingam todo o esterquilíneo indígena.

Manoel explica á Tereza (*A Viagem Maravilhosa*, pag. 21), a metempsicóse destes moços desfibrados... "talvez (sic) a guerra européa despertasse o idealismo universal. Tal-

vez (sic) o individualismo desse *uma nova afirmação ao homem*, que se separou do rebanho, *viu por si mesmo* e teve horror.

No Brasil a mocidade é a *revolução contra tudo e contra todos*.

Já homens moços têm vergonha de servir ao governo.

Este sentimento de pejo é o mais vivificador sôpro da *vida nova* (sic) do país”.

Não sei se a guerra européa despertou o “idealismo universal”.

Porque a realidade mais crúa chóca a humanidade no periodo post-guerreiro ultimo.

Sei que a guerra universal exagerou a *libido*.

Até então resguardada pelo manto diafano da fantasia hipocrita.

E, hoje, domina escancarada.

Mas, tambem felizmente as moças não se envergonham de tomar 914, ou mercúrio.

A libidinagem desenfreada pretende campêar.

A humanidade, saturada de escusas convencionallices, masturba-se com fervôr.

E’ o sacrificio da *libido*.

O pan-sexualismo é o sacerdote magno.

Procurou-se o amago da consciencia de homens e mulheres.

E quasi apenas se exhibiu a vasa.

A humanidade se desalinhou.

Nem mais se cobriu com a tradicional folha de parrá.

Os instintos biológicos duelisaram.

As táraças hereditárias empolgaram os espiritos tidos como conscientes.

Foi-se á pre-consciência.

Enfiou-se pelo inconsciente.

O limo veio á tona.

Mas como se desfruta prazer, mesmo passageiro, homens e mulheres sarrafaçados nos preconceitos chafurdaram-se no lôdo.

E gostaram.

Gostam.

E hão de gostar.

A' cata de satisfações insatisfeitas a humanidade sub-marinou nos animais irracionais.

E a sexualidade sobresaiu.

Peor do que o jogo do bicho.

E' o maior chamariz da vida humana e social.

Freud tem razão.

A imprensa científica e profana atulhou os balcões.

Os diretôres de jornais começam a exhibir os mais caros brilhantes.

E a gastar os charutos e as mulheres ainda mais caros.

A imprensa, mercantilizada, de olhos vorazes fitos na contabilidade, não perde tempo.

A licença é a mais flagrante.

Com algumas excepções é uma verdadeira cloáca.

Pois se a *libido* exige, ansiosa, como as fornalhas de um vapôr engólem, sofregas, carvão.

Explóra nos minimos detalhes todas as misérias humanas, as mais escabrosas, como ainda no caso das degeneradas que se “casaram legalmente” em S. Paulo ou Minas-Gerais.

Puro caso de tribadismo, da alçada dos psicanalistas e psiquiatras.

Mas, para encher de niqueis os gavetões dos jornais gananciosos, o “quarto poder”, “o quarto estado”, ou “a alavanca do progresso” se espoja na ignorancia, na intuição sexual e na sugestibilidade das massas anonimas.

E os socios das ligas e gremios moraleiros, que mandam as esposas para casa de taxi, quando voltam sózinhas, para evitar os galanteadores, são os mais assiduos leitôres destes pitêos genitais.

Onde se apostrófam os bons.

E se endeusam os máus, desde que tenham dinheiro.

Positivamente, Freud tem razão.

Mesmo que só haja imoralidade para os imorais.

Graça Aranha apreendeu bem o coeficiente psicanalista quando dissecou as nossas chagas humanas e sociais.

Especialmente em *Chanaan* e *A Viagem Maravilhosa*.

Escabichava, de preferencia, os casos.

Mas tambem cuidava das questões gerais, doutrinarias.

Penetrava o espirito dos personagens que viveu, em todas as facetas.

Por isso, foi por oraculo da passagem de duas gerações.

Ha reticencias graçaranhistas nem sempre de sentido cristalino.

Algumas sofisticaterias.

Rendas de Milão feitas em S. Luiz.

Mas, não fez como os rabiscadôres que não possuem mérito intrinseco.

E, por isso, contratam com um celebre artista capa original e vistosa para os seus livros.

Os criticos, á falta de recheio literario, tocam a louvar a composição material.

A literatura de Graça Aranha não era a de um principe-consorte.

Mas de genuino imperadôr na estetica.
Raramente utilisou (e os exemplos são

mais vulgares em *Malazarte*), os vocabulos tu-
fados como os vestidos de organdi de nossas
crioulas domingueiras, frequentadôras da
Quinta da Bôa Vista.

Aí, por certo, perdeu o senso das medidas.

Mas, regra geral, é o estilo dutil.

E pessoal.

Paradigma de um professôr de Arte.

Sem atitudes professorais.

Tessitura admiravel.

Perscrutadôr de consciencias.

Adequado gume malicioso.

Ditador estetico do Brasil.

Embora, em certos casos, não acertasse
com o tino dos ensejos, que é a base psiquica
de todos os condutôres das elites culturais.

*Chanaan, A Estetica da Vida, Espirito
Moderno e A Vigem Maravilhosa* representam
a maré montante de seus melhores pensa-
mentos.

Ideais solertes.

E, por isso, causou dôres de cotovelo a
muita gente, tida como importante.

Especialmente aos mazoquistas da grama-
ticagem.

Os que têm pôse de ministros.

E são apenas empregados de confeitarias.

A pedinchar ainda as idéas literarias de
Aristophanes ou Voltaire.

Como o Rei Jorge V, supplica ao Lord Mayor, as chaves simbolicas da City, quando pretende galgar Temple-Bar.

Muito bonita a tradição.

O espirito de Graça Aranha viveu, quasi sempre, em absoluto deslumbramento.

Ha no intimo de todos os homens que pensam (as mulheres mais raramente, pensam pois só pensam quando amam e raramente amam), um esboço de Graça Aranha: deslumbrado.

Subtil.

Paradoxal.

E' certo que, por vezes, falou de mais.

Mas, em compensação, em outros instantes, fechava-se hermeticamente como num gazometro.

Isto succedia nos momentos mais egoistas.

De ainda maior hipertrofia do Eu.

As circumstancias para isso se preparavam.

Mas, passada a crise super-aguda tudo voltava ás boas.

E nada succedia de anormal.

Como a arma que não detonou, certa noite, quando Italia Fausta, representava a cacetissima "Ré misteriosa".

Que apenas se salva pela Sra. Italia Fausta.

Graça Aranha incitou os moços.

Deixassem de dormir.

Ou de venerar os gregos.

E remoçou certos velhos.

Como o Voronoff indigena.

A alguns deles transmitiu, por catalise, o carimbo heraldico de sua inteligencia.

Feiticeiro literario do Brasil por longos 28 anos.

Tão despotico quanto o derradeiro imperador politico da Republica Brasileira.

E que virou o ultimo dos aborigenes em 24 de outubro de 1930, no Forte de Copacabana.

A clava estetica de Graça Aranha esteve espichada sempre contra os monotremos da arte.

Raras vezes, Graça Aranha foi ilogico.

Quasi sempre em justo discernimento.

Intuitiva apreensão.

Emotividade.

Liberdade de Fôrma.

E Idéas.

Sem fabulagem.

Sincronizadôr de energias.

Um oceano de pensamento elevados.

Não repetirei, um "oceano em tropa", como o bombastico Sr. Castro Alves.

|



Graça Aranha, kaleidoscopou, em tres pinceladas, a nação viva e martirisada.

Não queria expatriados em Arte.

A Arte exigia patriotismo ainda mais do que a propria patria.

E, assim orientou uma colmeia das mais dinamicas.

A abelha-mestra não escravizou os companheiros.

Embora de hierarquia superior.

Deu-lhes inteira liberdade de pensar, sentir, agir.

E viver.

Fé irrestrita no Brasil.

Eis um de seus medonhos crimes aos glaucomas dos ronceiros.

Dos espiritos metodicos e invariaveis, como os que procuram a Fabrica de Tecidos Botafogo em Botafogo.

Quando é no Andaraí.

São os que se vestem das idéas alheias.

Compram a prazo longo os ideais do proximo.

Fazem, em ponto pequeno, o que certas empresas fazem por atacado: recortar, guardar e aproveitar os artigos dos outros.

Graça Aranha fez tabua raza dos conceitos e dos individuos deste jaez.

Alfinetado sempre pela maior curiosidade, desconcertou os pacovios da literatice, pela sua profunda cultura humanistica, simbiologica e psicanalitica.

Sem mondar a linguagem repetiu as lutas de Lenine.

O agitadôr russo queria “a organização social do trabalho melhor e mais elevada do que o capitalismo”.

Isto é, almejava a humanização da Russia.

Graça Aranha, sinonimo de Lenine estético, pretendeu exterminar o mujiquismo literario.

E tóca a pelejar por um Brasil tambem mais humano.

Mais espiritual.

Pujante. Realizadôr.

Integrado nas forças vivas internacionais.

Não bebia a agua do saber dos riachinhos mais proximos.

Ia ao nucleo principal.

Veemente impulsionario de tudo referente ás estesias.

Os sentimentos bismutaram a sua consciencia de artista.

A variada cultura cristalisara a intelligencia vivaz.

A bossa literaria veio misteriosamente como o cancer.

Não fôsse ele maranhense.

Todo maranhense é um esteta em condições potenciais.

Toque-se-lhe um beliscão.

E ele se revelará, depressa.

Graça Aranha é rigoroso nos ditames da Moral (com M grande).

Em vez de repetir as idéas frivolas de Bocage ou Casimiro de Abreu, (si podemos chamar *idéas* ás maiores chocices rimadas) aproveitou as poesia dos 800 mil cavalos de força de nossas quédas de agua.

Poetou em prósa.

Achava que no Brasil a imaginação não devia ainda galopar como Mazepa (perdô-me a alma do Sr. Vicente de Carvalho).

Frenou a imaginação.

E fotografou a propria vida.

Empregando não a maquina a vapor.

Que já seria algum progresso.

Pois muitos ainda utilizam a enxada de mão.

Mas dinamos eletricos.

Arquitetou obra siderea.

Imortal.

Chanádn e *Espirito Moderno* são dois livros identicos, no conjunto estetico.

A mesma finalidade inovadôra.

Puras obrãs de Arte.

Faltava a "negra".

E surgiu *A Viagem Maravilhosa*.

A mesma luminosidade.

Não se sabe qual o melhor dos tres, como no foot-ball.

O mestre podia entregar a alma a Deus, bem descansado.

Jamais morrerá.

Idéas bem parafusadas.

Não pensava com o dicionario de rimar do Sr. Guimarães Passos.

Aliás a melhor obra "poetica" do autôr de *Versos de um simples, e Horas Mortas*.

Tais titulos dizem tudo.

Como pela maneira de uma senhora ou senhorita entrar no bonde pôde-se asseverar a sua mobilia moral ou sexual.

Livros otimamente matutados, são os de Graça Aranha.

A Viagem Maravilhosa lavrou um tento.

Definiu, de modo galhardo, a potencia genito-cerebral de Graça Aranha, apesar de sexagenario.

Emulo, com vantagem, de Marcel Groust.

O mais fulgurante talento do Brasil neste derradeiro trintenio.

A *Viagem Maravilhosa* é, como *Chanaan*, um livro maravilhoso.

Indiferente aos canones classicos.

O passapôrte para a viagem de onde já mais se volta (será certo mesmo?)

O volume mais discutido do cenario literario indigena.

Poucos o compreenderam.

Muitos não o quizeram, de proposito entender.

Porque é expontaneo.

Nada artificial, era o seu lema.

Nem os poemas.

Nem os sapatos.

Tudo brasileiro: os produtos farmaceuticos, as cuecas, ou o ambiente dos romances.

A sua rebeldia levantou-se. Revolucionario, estetico, politico e social.

Respeitou o patrimonio hereditario, que possui valôr incontrastavel.

Mas algodoou-o nos museus.

Por vezes, a sua vida foi a "falta do espirito de organização", a que alude Felipe (pag. 81, *A Viagem Maravilhosa*):

"E' o mal nativo, que enfraquece e inutiliza os nossos esforços.



Nada aqui é organizado, tudo é amorfo, inorganico. Não existe aquele senso da associação, que está na raiz da vida coletiva.

Não falta coragem nem a decisão para vencer.

Somos valentes, mas *somos brasileiros*".

E continúa após uma interrogação de Pedro:

"Desorganizados por falta de disciplina para corrigir a *herança de vagabundagem e imprevisão* (sic), que *nos veio no sangue mestiço*". (o grifo é meu).

Neste livro os temas se ligam imediata ou remótamente.

Não são como os assuntos de certos volumicos que se parecem tanto como um bago de uva semelha um abacaxi.

Em *A Viagem Maravilhosa* prôva que os homens, como o café, quanto mais velhos, melhores.

As mulheres — o contrario.

Embora alguns homens sejam apenas consciencias em menopausa.

E certas mulheres não passem de ovarios em leilão.

Graça Aranha tinha a exata consciencia do espirito atual.

Por isso, acarretou dôres de cabeça a muita gente bôa (pelo menos na apparencia).

As dôres de cabeça são excelentes de vez em quando.

Porque, tomando euritmina, se tem a satisfação de senti-las desaparecer.

Graça Aranha ministrou-nos (sem alusão ao ministro plenipotenciario) injeções periodicas do proprio Eu para julgar as boas qualidades e os defeitos dos outros.

E' justo, por isso mesmo.

E' humano, quasi sempre.

Homens e mulheres desfilam tais quais são, sem cosmeticos no cabelo.

Ou ruge nos labios.

Alguns até parecem que acabam de pular da cama.

“Honni soit qui mal y pense”, em homenagem á Sra. Condessa de Salisbury e ás boas intenções do Sr. Eduardo III.

As mulheres, regra geral, levantam-se viçosas.

Mesmo desgrenhadas.

E os homens com os olhos empapuçados, lingua pastosa, inesteticos bocejos, labios descorados.

Graça Aranha não retóca, de ordinario, homens e mulheres.

Aparecem assim mesmo.

Homens egoistas.

Mulheres hipocritas

Com as exceções naturais, que compo-
tam todas as regras.

E' claro.

Alguns de pijama finissimo.

Outros ainda de ceroulas de cadarço.

Outras ensanduichadas em velhos espar-
tilhos.

E poderá o leitôr (deixo em paz a leitô-
ra) me informar porque o marido é, em ale-
mão, *der gatte*?

Os germanos têm razão.

Quantas leitôras fazem de seus dignissi-
mos maridos apenas respeitabilissimos gatos.
Isto é, bonecos.

Mas bonecos que ás vezes, arranham.

E custam bastante dinheiro.

Entretanto, a dôr é uma convenção.

E o dinheiro a móla do mundo.

Aprofundando o fáto, póde-se inquirir
qual o digitigrado (e, bem baixinho, o gato
é um digitigrado) o homem ou a mulher?

Onde está o gato?

Embora as mulheres sejam maravilhosas
“maquinas de viver”, como define Graça Ara-
nha — Tereza, vagotónica (pag. 73, de *A Via-
gem Maravilhosa*), que cheirava a ambar.

O aroma não lhe vinha do perfume arti-
ficial.

“Vinha-lhe da carne, do sangue, do *intimo*, do *misterio*” (pag. 71).

O *intimo* e o *misterio* são os hormonios ovaricos a estimular, freudianamente, os que não são emasculados.

Espècie de isca.

Especie de camarão vivo, que é a melhor isca.

E jamais soltam quem se amplexa genitalmente pela primeira vez.

Especie de o coçar, e o comer.

Que o diabo é começar.

Graça Aranha indica, em certas passagens, o psiquiatra espontaneo, o psicanalista congenito.

Maria, de *Chanaan*, é psicopata, girando no sexualismo.

Já disseram, algures, que o mundo fox-trota nos orgãos genitais.

Lentz e Milkau, tarados, tambem gostam da fruta (do mato ou da cidade?).

Milkau, em *Chandan* (pag. 168), psicanalisa:

“ — E não é o *amôr* a acção por excellencia?

E não é ele a *fôrça*” (que o digam os impotentes)” “que aqui na colonia, no canto do universo, move os homens!”... (move os ho-

mens e move ainda mais as mulheres, embora elas o disfarcem de mil maneiras).

• O amor é a sexualidade.

• A vida.

Carradas de razão tinha Maria (pag. 182, *Chanaan*) nesta frase que evoca um abismo de recordações freudianas:

“Como é belo dansar!”.

Só quem dansou uma dessas musicas rebo-lantes, que mexem com todo o corpo e mais ainda com a alma do freguez, é que pôde avaliar o golfo psicanalítico destas expressões.

Seja no Flamengo.

Seja na róça.

A “desintegração” de Tereza em *A Viagem Maravilhosa* categoriza a lamina freudiana do maranhense.

“O coração (de Tereza) batia vivaz, o rosto ficava quente, os olhos fulguravam, a boca sorria para longe”, só em maquinar as emoções) (vejam só) do passeio com Felipe (pag. 70; *A Viagem Maravilhosa*).

Apenas o passeio.

E que abismo pôde ser o passeio com uma creaturas destas?

Eram as secreções internas dos ovários, reajustadas aos reliquats das neuróses infantis, em vagotonica, a desordenar as reações vaso-motoras reflexas, mesmo longinquas.

A montagem freudiana é, destarte, patente.

E' a eterna luta.

A repetição é eterna.

Basta sub-entender *Chanaan* (pag. 356).

"... dois desgraçados (Maria e Milkau) que lutavam longamente, mas a força dele que a queria levar para a morte, teve de ceder a dela que os prendia á vida"... (sic).

"... Corriam, corriam...

Atraz de si, ouvia ela a voz de Milkau, vibrando como a modulação de um hino...

Adeante... adeante... Não pares...

Eu vejo.

Chanaan!

Chanaan...!

... Milkau não sabia para *onde* o impulso os levava: era o *desconhecido* que os atraia com a *poderosa e magnetica* força da ilusão.

Começava (Milkau) a *sentir a angustia-da sensação de uma corrida no Infinito*" (sic).

"... *Chanaan! Chanaan!*... suplicava ele em pensamento, pedindo á noite que lhe revelasse a estrada da Promissão". (pag. 358).

"E tudo era silencio e misterio..."

Corriam... coriam.

E o mundo parecia sem fim, e a *terra do Amôr* mergulhada, sumida na *nevoa incomensuravel*... (sic).



E Milkau, num sofrimento devorador, ia vendo que tudo era o mesmo; horas e horas, fatigados de *vôar e nada variava e nada lhes aparecia...*

Corriam... corriam...

Apenas na sua frente uma visão deliciosa, era a *transfiguração* (sic) de Maria.

Animada, transmudada pelo misterioso poder do sonho (sic) a mulher enchera de *novas carnes* o seu esqueleto de prisioneira e martir; *novo sangue* batia-lhe vitorioso nas arterias, *inflamando-as*; os cabelos cresciam-lhe milagrosos como florestas domadas deitando ramagens, que *cobriam e beneficiavam o mundo* (sic), os olhos iam iluminando o caminho e Milkau envolto no fôco dessa gloriosa luz, acompanhava em *amargurado extase* (sic) a *sombra que o arrebatava...*

Corriam... corriam...

E tudo era imutavel na noite.

A figura fantastica sempre adeante, ve-loz e intangivel; ele atraz, anseado naquela busca fatigante e vã, sem a poder alcançar e *temendo dissolver com a sua voz mortal a dourada fórmula da ilusão, que seguia amando...* (sic).

Chanaan!...

Chanaan! pedia ele no coração para fim do martirio...

E *nunca jamais* (sic) lhe aparecia a terra desejada..." (o grifo é meu).

Freud tem razão, ao ligar tanta coisa ás psico-neuroses infantis.

As alucinações, impulsões, e obsessões emotivas de Maria e Milkau, nesta corrida desesperada para a *Ilusão*, (sic) são manifestações puramente reflexas.

Ligam-se a estados pre-conscientes.

Na estreita dependencia do inconsciente.

São alterações mentais placentadas aos instintos animalescos.

De fundo sempre genital.

Ou, melhor, anexam-se ás desordens da reprodução, como as encara Dupré.

Graça Aranha tinha o fetichismo do Amôr, da Beleza e da Patria.

E qual o cidadão pensante que o não tem?

Eram as suas idéas obsedantes e impulsivas.

E' "normal"?

E' patologico?

Evidentemente é um doente.

Já passara as raias dos *fronteiriços*, atirando-se em plena anormalidade.

Baillarger já definia a loucura como “a perda do livre-arbitrio”. (1).

A loucura, a alienação mental, a anormalidade são muito contingentes.

Scipio Sighele, Calmeil, Charpentier, Weygandt, Laignel-Lavantine abundam nas mesmas considerações.

Quais os limites do livre-arbitrio?

Forel, Esquirol e Nina Rodrigues respondiam por evasivas.

Onde termina a liberdade moral?

Juliano Moreira rodeia a questão.

E não responde.

Que condiciona a responsabilidade?

E' total?

Ou parcial?

Henrique Roxo daria uma aula erudita.

Mas duvidas identicas lhe empolgariam o raciocinio.

E' maluco?

Não é maluco?

Eis o busilis.

Já vi tumôres do encefalo rotulados como “confusão mental” ou “psicóse histerica”.

Já tratei de verumontanites, e consequentes para-simpatóses, etiquetadas, como “psi-

(1) — Griesinger — *Traité des maladies mentales*”, trad. Doumic, 1873, pag. 69.

cóse interpretativa cronica” e “sifilis cerebral”.

Os doentes se encharcam de calmantes e 914.

E, na mesma.

A retorica responde a todas estas perguntas.

Mas o bom senso hesita.

O freudismo revê tais questões.

Embora ainda não as tenha tambem resolvido.

Graça Aranha, em vez de especular nestas respostas apenas arquivou as observações.

Tambem não esquadrinhou a existencia de Deus, a sua omniciencia, a sua omnipresença, as verdades sobre Darwin, a criação primitiva do mundo ou de Deus, a luz antes das estrelas, a imortalidade da alma, o fim da linguagem articulada e quejando metafisico, porque isto não lhe alterava os habitos de homem da “haute gomme”.

Nem as glorias literarias.

Nem prejudicou os seus maiores anseios: o Brasil uno e evolucionista.

Que impórta ao êxito ou á derrota profissional o eterno enigma do ovo ou da galinha?

Parafusando nestes truismos transcenden-

tes não curo, por certo, a hernia do Sr. Antunes.

Ou a utriculite de Mr. Pistache.

O subsidio pan-sexualista começa a revolver tais problemas.

Os conceitos de anormalidade e de criminalidade ficam na alçada da *libido*.

As táras sexuais são os agentes de todas as desordens do individuo e da sociedade.

Num relance os fátos se encadeiam em ordem de importancia scientifica:

Tipos lombrosianos (uomo delinquente) a exhibir os restos anormais da ancestralidade.

Criminosos natos da escola de Lombroso (1).

Tipos laurentinos, onde o criminoso associa a deficiente organização e as condições peculiares dos ambientes em que sofrem.

Escola de Laurent.

Tipos ferrianos, isto é, degeneração anatomica mais efeitos particulares teluricos e sociais.

Escola de Ferri (2).

Tipos maxwelianos, onde se dicerne a pre-

(1) — Lombroso — O crime, causas e remedios, 1907 e Criminologia — 1913.

(2) — Ferri — La sociologie criminelle — 1905.

disposição organica adquirida e a predisposição organica congenita.

Escola de Maxwell (1).

Tudo isto é muito bonito.

Mas faltavam os laços medico-psicanalistas.

Isto é, a verrumada humana.

Foi o que fez o genio de Freud.

E de Lombroso, Laurent, Ferri, e Maxwell se evolue para a obra de Freud.

Tipos freudianos ou a semi-responsabilidade do inconsciente, partindo da carga neurotica intra-uterina, e infantil, ricocheteada no pan-sexualismo.

Já citei no decorrer deste livro alguns dos volumes de Freud a respeito deste ponto de vista.

Chóca-se o direito campanudo?

Protesta a moral falcatruante, arruinada em velharias preconceituosas?

Paciencia.

A humanização da humanidade assim o impõe.

A humanidade bem se póde já dividir em duas fases: ante-freudiana e post-freudiana.

(1) — Maxwell — Le crime et la société — 1909.

E Graça Aranha epileptico, hebefrenico, bem sabia destas reviravoltas psicanalistas.

Da individualidade á personalidade era o freudiano.

A sua gesticulação, loquacidade, exaltação, incoerencias, que Freud tanto destrança, positivam o anormal.

Mas o anormal que nos legou quatro obras-primas.

Raros interpretam bem o verdadeiro significar de suas acções incongruentes e proteriformes, em liame nas psicopatias.

A insatisfação motôra se ajunta á teatralização de certas pasasgens de sua vida.

Como, em 1924, ao impôr, de assalto, á velha Academia, quieta e escandalizada, as idéas novas que lhe punham ardentes cocegas na preconsciencia.

Alguns não compreenderam tal gesto brusco, descortez para os seus pares, cenografico no meio indigena e impulsivo.

Inconcebivel bizarria em sua idade e em suas posições sociais.

Um velho diplomata.

Era a super-agudez da hebefrenia.

Que estarreceu os ultimos gregos exilados no Petit-Trianon.

Felipe (pag. 92, *A Viagem Maravilhosa*) ao perguntar a Manoel “quem é este *cretino*”,

referindo-se ao marido de Tereza, colou a etiqueta ajustada quanto possível.

E' o idiota incompleto, como tantos maridos por aí, sem expressão fisionomica ou cultural.

A remoer o quociente de suas maculas hereditarias.

E os harmonios sexuais incompletamente almoçados.

Graça Aranha é o psicanalista da vida.

E' o filosofo da Arte.

O seu manifesto aos moços do Brasil, espelhado na humanidade que acabava de resurgir após a hecatombe européa de 1918, foi o primeiro escandalo de nossa vida literaria.

A eslagartar os nossos soporiferos estas de terceira classe.

O segundo foi o aparecimento de *A Viagem Maravilhosa*.

Inovadôr e renovadôr.

A Viagem Maravilhosa e *Malazarte* se-melham Mutt e Jeff.

Ou, mais recentemente, Hardy e Laurell.

O gordo.

E o magro.

Antonet e Beby.

O artista do cães da Sagração, em São Luiz, apavorou os moageiros da estesia, reclamando "Vida Nova" a plenos pulmões.

Os cerebros dismenorreicos não o apreenderam.

O seu alcance artistico se limita nas homenagens á esposa ou amante, quando lhes pespegam o nome ou o apelido caseiro na fachada da casa, na tampa da lata de manteiga, no tubo de pasta para dentes ou de pomada para calos.

Desprezam a luz da lampada de Osram.
E só admitem a vela de estearina.

Não puderam assimilar o inveterado nacionalismo de Graça Aranha.

Que parece, ás vezes molhar a pena em bardana.

Para espetar a consciencia dos casquilhos.
Apenas atingem os livros feitos pelos arteiros do circo do Piolim.

Têm, aliás, bons motivos.

A vida é um vaudeville.

Uns saem um pouco antes de acabar a função.

Outros saem logo depois de iniciada.

Outros nem chegam a ouvir o mestre de cena.

Os mais espertos ficam para se embromar nas coristas.

Uns aplaudem sempre como as claques officiais.

Outros patêam sempre como certos criti-
queiros.

A maior parte nem aplaude.

Nem patêa.

Deixa-se levar.

Os mais atrevidos espetam dois dedos na
boca e assobiam com proposito.

Ou sem proposito algum.

Assim é a vida.

E como não si a humanidade galópa des-
vairadamente?

E não possue tempo para a menor para-
da e reflexão?

Embora cada vez cite mais.

E cada vez menos leia.

Mesmo que finja lêr.

Artinha de borda e capêlo.



J

Graça Aranha fez bem quando abandonou o magisterio.

Seria máu professôr.

Em sua época os alunos ainda tinham pavôr dos catedraticos.

Quando se encontravam nos corredôres das escolas e faculdades faziam as mesmas demoradas zumbaias, dos onibos, da mesma linha, trafegando em sentido opôsto e que estacam para receber trocadores e fiscais.

O maranhense não concebia tal dicotomia irracional.

O discipulo tinha valôr proprio?

Não tinha?

Seria util á coletividade?

Eis o indispensavel.

A transformação foi se operando.

Docentes e dicentes começaram a confraternizar.

Hoje, as coisas ainda mudam mais de figura.

Estudantes nem tiram o chapéo para certos mestres.

Mestres só de nome.

Determinados híbridos medalhões ninguém, de bôa-fé, confia neles.

Graça Aranha viu que a mocidade exigia outra orientação.

Desta maneira o Brasil poderia esperar alguma coisa no conceito da nações “civilizadas” (sáia ainda uma vez o termo bem prosaico).

A sinceridade é tão rara como a triplidade testicular.

Alguns mestres apenas são francos para uso externo.

Com a mesma pôse do chaveiro da Light na esquina da rua Senador Euzébio com a praça da Republica (primeira ou segunda Republica?)

E quem será este senhor senador Euzébio?

Com certeza não se trata de homenagem ao pai da famigerada historia ecclesiastica (267-340).

Senadôr deve ser, fatalmente, seu compadre.

Graça Aranha pretendia cada macaco no seu galho.

Embirrava com o destino da Academia Brasileira de Letras, sucursal das sociedades de medicina.

Repugnava ao maranhense a irmandade literaria, como a panelinha politica, a igreja-nha scientifica o congregacionismo artistico, a confraria dos que pensam ainda com o Sr. Empédocles ou o Sr. Herculano.

Aliás, esta diatese congregacionista onde impera o nepotismo mais saliente, matou o Brasil.

Iniciou este suicidio, prosseguido pela borracha e completado pelo café.

Como pôde evoluir o país, se ha individuos que escrevinham romances de 500 paginas, poemas rimados de 400 folhas e cuja parte original cifra-se apenas nos seguintes avizos:

“Cuidado com as imitações”, “Reservados os direitos autorais”, “Propriedade *absoluta* (sic) dos editôres”, “A presente edição está devidamente registada (ou registrada?) nas *bibliotecas* (sic) nacionais” (teria graça se o registro fôsse nas pretorias civis como o dos nascimentos dos futuros cidadãos e cidadãs), “O acôrdo tal, assinado em tal data, assegura o *direito* (direito com d pequenino), de propriedade (Propriedade com P maiusculo), *literaria e artistica* (sic) em tais e tais países, etc.

Como pôde, nestas condições, ascender o cambio?



Cultura não é apenas a barba escanhôada, diariamente.

Bem fez Graça Aranha que escreveu pouco.

Para não repetir *Malazarte*.

Deixa, entretanto, quasi meia duzia de livros imortais.

E bastaria um: *Chanaan* ou *A Viagem Maravilhosa*, onde motoroila as idéas.

Um parentese.

Com licença?

Berram que eu escrevo de mais.

Ainda ha pouco amigo desvelado (que, certamente, é meu rancoroso inimigo em estado potencial), disse que abrindo-se qualquer jornal, profano ou científico, ou espiando-se nas vitrines das livrarias “só dá Americo Valerio” (sic).

E’ uma verdadeira epidemia de artigos, monografias e livros (diz ele).

Que eu estou fazendo o mesmo papel de Robert Montgomery, o artista de cinema, que, em certa época, foi o mais habitual dos cartazes — acrescenta o meu dedicado conselheiro, sem eu lhe ter pedido qualquer opinião.

E tóca a fazer-me sugestões para que eu escreva menos, para me poupar, porque “o bom é avaro” (sic), e, outras bagatelas.

Esquece, entretanto, que o bom já nasce feito.

Desde que não é bom o que eu escrevo, pois apenas se torna bom depois de friccionado com lixa numero cinco, por este critico e pelos membros da mesma familia censuradora (oh, os manes de Freud), tenho que forçosamente “escrever de mais”.

E assim procedo, surdo ás cortezias ou insinuações corriqueiras ao meio em que vivemos.

Onde se fica preso por ter cão, ou por não ter o dito.

Fecho a interposição.

A inteligencia vivacissima e a individualidade fascinante de Graça Aranha sofreram as mesmas perfidias.

Quanto mais eu que estou longe disso (inteligencia vivacissima e individualidade fascinante).

E que tenho apenas grande capacidade de trabalho.

O que até os meus mais coloidoclasicos desafetos reconhecem.

Sobretudo, torpedearam o mestre quando atirou algumas palmatoadas com os chinelos cara de gato, nos trazeiros *dos dorminhôcos*.

E quando deu á luz *A Viagem Maravilhosa*.

Fiel ao conselho geteano: “resistir, apesar de tudo, e avançar sempre”.

Não lhe compreenderam as boas intenções.

O filho do Brasil, apesar de certo quê parisiense, implicando com a estetica de Coimbra ou Marselha, padeceu irritante perseguição.

Não ligaram ás puras idéas do seu ultimo livro.

Nem ao frescôr das tintas.

Viram apenas o “passadista” (sic) que depois de velho se fez ermitão.

Os faladôres ainda chupavam o vinho da morte, ou, melhor, o nectar de Hebe (Hebe é um bonito nome para cachorrinha, lulú da pomerania), na decrepita mitologia.

Quando deviam apenas escutar e ouvir o klaxon da maquinaria moderna, seja num automovel de oito cilindros, seja nos aparelhos para seleccionar, a rigôr, o nosso café tão rico e tão desgraçado.

Pudera. A loxódromia estetica nestas plagas atingira o auge.

A literatura destes criticoides é analgesica.

Anti-termica.

Marca salofeno.

Namoram as orquideas luxuosas.

E não entendem as nossas singelas dalias.

Fingem que compreendem as tessituras de operas gastissimas.

E negam qualquer valôr aos sambas da nossa terra.

São excessivamente cultos.

Sabem até de côr todo o catalogo das Companhias Telefonicas.

E os folhetos de propaganda das companhias de seguros.

Julgaram que Graça Aranha, depois de *Chanaan*, apenas construiria um quiosque.

O maranhense, só para motejá-los, deu-nos um palacio.

Como podem apreender o dinamismo de *A Viagem Maravilhosa*?

Chanaan (1903) é o primeiro élo do gigante.

A pleitear a nossa maioridade artistica.

A Viagem Maravilhosa (1930) é o ultimo élo.

Erradica, em definitivo, as tutorias.

Duas epopéas, de motivos e esperanças genuinamente brasileiras.

Entre estas duas obras-primas *A Estetica da Vida* e *Espirito Moderno*, além de outros trabalhos menores no formato, e de iguais filigranas, o natural tecido de enchimento de um dos expoentes esteticos deste povo eternamente expoliado e rebelado.

Como podem assimilá-lo os espiritos retro-
grados?

Ou, os perpetuos legalistas de interesse?

José Pereira da Graça Aranha não per-
deu totalmente o seu tempo.

Mas ha ainda muitissimo a martelar.

A revolução litero-social brasileira, que ele
propugnou com todas as suas teorias energi-
cas, caminha, é verdade.

Porém, caminha como um hemiplegico.

A prova?

O romantismo, que arruinou a nossa pa-
tria, como a anarquia da borracha e as gatuni-
ces ineptas do café, ainda nos quer desgraçar.

O Governo deve fechar os gremios roman-
ticos.

Como tem fechado os blócos comunistas.

Os romanticos são mais perigosos.

Basta recordar o centenario, o ano passa-
do, do Sr. Manoel Alvares de Azevedo.

Movimentou-se a velha guarda.

O Sr. João Ribeiro escreveu (11.^a linha,
3.^a coluna, pag. 8, quarta-feira, 16 de Setem-
bro de 1931, "Jornal do Brasil", Registro li-
terario): "*De todos os grandes vultos das nos-
sas letras, talvez seja Alvares de Azevedo o
unico que nos dá a idéa do genio*". (sic).

E' verdade que ha ali um prudentissimo
talvez.

Mas tudo isto é forte.

E pueril.

A tenra idade do pobre vate justificou tudo.

Realmente, a unica utilidade do Sr. Azevedo na vida foi a morte aos 21 anos.

Assim, ele é taxado de “o unico que nos dá a idéa do genio” (sic).

Talvez, é verdade.

Do “genio tuberculoso”, sim, tomando-se “genio” como sinonimo equivoco de “temperamento”, “habito”, “bio-tipo”.

Como pano de amostra de seu precoce priapismo lirisante é aquela “virgem do mar” “palida, á luz da lampada sombria” (sic), “sobre o leito de flôres (sic) reclinada”, “na escuna fria pela maré das aguas embalada” e “um anjo entre nuvens d'alvorada” (sic), “o seio palpitando” (de frio, com certeza), pelas “fórmãs nuas”, etc.

Ele (Alvares de Azevedo) publica, em êxtase, “não te rias de mim”, e ao mesmo tempo “entre as nuvens do amôr ela dormia” (sic).

Dormia, rindo do Manoel Antonio desditoso e frioleiro.

Aliás Manoel Antonio tinha a mania que faziam caçoada dele (Manoel Antonio).

E para se vingar respéga num verso avi-



taminico “Quero rir-me de tudo o que ama-
va” (sic).

Sublime.

Realmente é um “genio”.

Assim a rir, como os palhaços Antonet e
Beby.

Apezar de “genio”, como poeta é piegas.

E’ fosforo, rumina a giria.

Um vatezinho como o Sr. Casimiro de
Abreu.

E tantos outros.

Que nas horas vagas são funcionarios
publicos.

Ou agentes comerciais de ligas para as
meias.

Azevedo era, não *négo* (dá licença Sr.
João Pessôa) rapaz de talento.

Escritôr vivaz em algumas paginas apro-
veitaveis (*O Macario e Noite na Taverna*)
com alguns traços bem diluidos de Hoffmann.

Fóra disto é futilissimo, alvarazevedis-
simo.

Como tantos outros a poetar masturban-
tamente no colo, no tórso ou no sabugo da noi-
vinha linfatica.

E com a trena metrica.

Deificam-no os velhos.

Para olvidar Martins Fontes.

O maior de todos.

O que nos dá, real “a idéa do genio”.

Positivamente, Graça Aranha perdeu grande parte de seu tempo.

Impõe-se um novo Graça Aranha para espertar de vez a catalepsia de certos brasileiros.

Pois ha gente que tem, como as corvinas, pedras na cabeça, em vez de massa encefalica.

Só pode apreender os folhetins entediados dos jornais da provincia.

Ha outros que nem isso alcançam.

São apenas corpos cavernosos, trompas uterinas ou musculos linguais em semi-ereção, á cata dos alcaloides do genitalismo.

Graça Aranha passou alheio ás diatribes da vida, fazendo papel identico ao trocadôr de dinheiro que segue o seu officio, indifferente ás bruscas sacudidelas ou aos epilepticos tremeliques dos onibos.

Não encheu linguaça em seus livros enumerando todos os ascendentes e descendentes dos personagens que viveu.

O que fazem os individuos talentosos como os marron-glacés.

Ladino e psicologo Graça Aranha procurou repetir, tantas vezes, os pais que só tem um par de sapatos para os dois filhos.

Mandam-nos ás compras ou á escola cada um com um dos pés calçados.

De certos homens apontou os defeitos e cacoetes freudianos.

De certas mulheres fez o que elas fazem com as luvas, nas viagens irritantes, onde não ha o derivativo do flirt: torcem-nas.

Nobre alma o esteta maranhense.

Cavalheiro.

Bravo.

Vanguardeiro de duas gerações.

Descontentou muita gente.

Os rotineiros.

Os que apoiam a classica lombeira estetica em nossa patria.

Ha individuos que se acostumam tanto á rotina que não evoluem nas mais pequeninas coisas.

Um conhecido meu (aliás de certa intelligencia aparente) acostumou-se a fazer a barba, esfregando o pincel no sabão comum do banho.

Não houve, nem ha meio de mudar para o sabão em pó, que lhe fiz presente, mais comodo e mais rapido (não ganho pela propaganda).

Graça Aranha, pois, desbeijou muitas pessôas.

E' um grande mal possuir desafétos.

Sobretudo, desafétos gratuitos.
Pelo simples fato de se trabalhar e
triunfar.

Sem pedir licença aos nulos.

Aos figurões.

Ou fazer continencia aos despeitados.

Entretantos, julgo profunda calamidade não se ter desafétos ou inimigos.

O individuo nestas condições está em plena concordata intelectual.

Ou cultural.

Graça Aranha não queria saber do éco invejoso e traiçoeiro dos apaticos e trampolinetiros.

Viveu para o seu ideal de Beleza, Trabalho, Utilidade.

Insensível aos rumôres interesseiros.

Errou muitas vezes.

Mas “errar é proprio dos homens, teimar é proprio das bestas”, redigiu Assis Brasil.

Só persiste no erro os que fumam cigarros e quando se lhes oferece um charuto fumam-o ás avessas.

Depois de *Chanaan*, obra de mestre, *Malazarte*, obrícula de pichôte.

Os galfarros da literatura exultaram.

Aparecem *A Estetica da Vida*, o celebre prefacio, *Espirito Moderno*, para inflar o pre-



consciente dos escrivães de pretoria que compõem prosorréa, marca beladona.

No fim, *A Viagem Maravilhosa*, trabalho impetuoso, a irritar os lemurideos indigenas da literatura.

O tiro de misericordia nos tintureiros da Arte.

Como era justo Graça Aranha ao recordar “a força creadôra da utopia”.



K

Começava *O meu proprio romance*, cujo enredo era meio seculo de lutas politico-sociais.

Planejava-o em quatro volumes, dos quais só traçou o primeiro e, assim mesmo, incompleto, editado, em S. Paulo (1931).

Instada pela Fundação Graça Aranha redigiu o prefacio (a coisa melhor que ha no livro) a Sra. Nazareth Prado.

Tomo fraquissimo, apesar desta ou daquela frase penetrante de psicologia graçaranhista chega apenas ao seu primeiro ano academico (Recife).

Jamais deveria ser publicado.

Reconhece que "o meu caso é de um homem em *constante* (sic) *libertação espiritual* e, sob esta inspiração, *construindo a sua existencia*" (sic) — (pag. 32).

Reconhece por displicencia.

E só pôde *construir a existencia* (aliás já a encontrou construida) porque era um *revolucionario* teorico.

Basta lembrar, mais adiante, a sua tirada quixotesca: "*Sou hereditariamente revolucio-*

nario. Essa fatalidade (sic) me impõe a ansia de liberdade, o furor de mudar (sic) o mundo e tudo transformar” (sic) (pag. 162 — *O meu proprio romance*).

* * *

Não contentes os amigos ainda divulgam, em 1932, novo livro — *O Espirito moderno*.

Representa ensaios contraditórios, discursos inexpressivos e depoimentos leucopenicos, sobre determinadas atitudes literarias do mestre.

Salvam-se, neste volume, que jamais deveria aparecer, alguns periodos de *Raizes do idealismo*, as boas intenções dos seus amigos e a confecção material, que se tem de elogiar á falta de outros méritos.

Graça Aranha possui, ou lhe fizeram possuir, portanto, dois livros sobre o *Espirito Moderno*.

Um trabalho de valôr.

Outro, sem valôr algum.

A *Viagem Maravilhosa* é bem o rútilo testamento literario do pontifice estetico do Brasil neste derradeiro quasi trintenio.

Aliás, bastariam *Chanaan* e *A Viagem Maravilhosa* para immortalisa-lo.

Para minha gloria era sufficiente assinar uma das duas obras-primas.

L

Graça Aranha é dos poucos escritores brasileiros de renome universal.

Anatole France, Barrés, Henri Bergson e Emile Boutroux julgavam-o um dos mais completos.

Tardieu, Clemenceau e Herriot (um sábio mascarado de político) avaros em suas amizades, em juízos laudatórios, consideravam-no um espirito incomum.

As viagens á Europa deram-lhe grande prestigio pessoal.

Nada valeram ao Brasil, entretanto.

O Brasil foi apenas o indigente de sacóla á mão.

E o mais relapso dos devedôres.

Os seus postos diplomaticos enfileiraram-o entre os lideres da cultura hodierna.

A representação do Brasil no 3º Congresso Pan-Americano consolidou a sua reputação invejavel.

Neste ultimo vintenio foi a personalidade literaria que mais se projetou no estrangeiro especialmente na França, Holanda, Portugal e Noruega.

renova e isto fecunda ainda mais a revolução"... (pag. 22, *A Viagem Maravilhosa*).

Chanaan, ha extensos 28 anos, foi um livro revolucionario.

A sua obra é a plataforma vivificante e pratica de pura simbiologia brasileira.

E' a propria nacionalidade a fazer periodicos e escrupulosos exames de consciencia.

E' o grito de independencia moral, civica, estetica e social de nosso Brasil.

Escritôr algumas vezes assimetrico.

Chanaan é uma afirmação.

Completa-se em *A Viagem Maravilhosa*.

A co-afirmação de pujante mentalidade.

Creou.

Firmou personalidades.

Isto é, deu, acima de tudo, mais apreço ao carater.

Teve surtos literarios altissimos.

E descenções lastimaveis.

A sua obra é o mais expressivo documento de nossa brasilidade.

Embora, tantas vezes, aritmica.

Chocante.

E' a obra do amante mais ciumento do Brasil.

A sua religião cifrava-se na Patria.

E no Amôr.

Logo, no Pan-sexualismo.

Na Vida.

Os seus livros exteriorizam todos os “complexos” revolucionarios, tantas vezes recalçados.

Não se importou com os dourados vinhedos de Dionisio.

Nem os marmores brancos da Acropole.

Nem os jardins de Academo.

Preferiu os nossos buritis.

E os tapiocanos a sofrer e amar na adustez dos sertões brasileiros.

Em vez de Afrodite de Melos deu o braço ás caboclas vivas do Cáis da Sagração.

Que nos ensinam a viver.

Isto é, a gozar a Vida.

Bisturiza, nesta obra tantas vezes o frio pragmatismo das lutas hodiernas.

A aridez da cultura nos momentos mais angustiosos para a humanidade.

Onde as almas querem se desintelectualizar.

Mesmo aparentando o contrario, se intelectualizam cada vez mais.

E os espiritos se carminam como os labios femininos.

Artista culto.

Mixto.

Tectonico.

E actetonico.

Apaixonado, quasi sempre, do Brasil e dos brasileiros.

Escritôr de ficção.

E de pesquisas.

No tumulto da vida contemporanea, tão exigente, alguns de seus volumes são irretocaveis.

No advento do futurismo.

Ou na lufa-lufa bolshevista.

Dinamico.

Para ser perpetuo basta a sentimentalidade de suas idéas.

E o "heroismo" de seu ideal.

Raiando, por vezes, á libertinagem freudiana.

Fonte de toda a vida humana e social.

Espirito laminado em ironia subtilissima.

Dialogos simples.

Portanto, verdadeiros.

Estereoradiografias em série dos sentimentos, emoções, sensações e instintos.

Onde um discreto sorriso esfuma as suas observações de sexualismo mais frisante.

Tolerancia para com os moços.

Por vezes, espirito de creança em madurissimo talento.

Encarava as incoerencias e pecados alheios com a maxima indulgencia.

Nisto, ainda ele era coerente consigo mesmo.

Pois as incoerencias são, em algumas pas-

sagens, as comidas substanciais de sua psicologia freudiana.

Não matava as ilusões de ninguém.

As ilusões são efemerias felicidades.

Acorçoava bons e máos.

Desde que tivessem intelligencia.

Não perdoava, entretanto, ás consciencias climatericas.

Sofreu.

Desiludiu-se com a humanidade.

Que, ás vezes, não o entendeu.

Como era fidelissimo Vargas Vila, em "*La voz de las Horas*", quando inquiria:

Todos podrán leer las palabras de um libro; muchos serán capaces de seguir el vuelo de sus idéas; otros podrán ir al fondo de sus sentimientos; pero, quien podrá traducir la *melodia interior* (sic) con que esas palabras, esas idéas, y esos sentimientos cantaron en *el alma del Autor*"?...

Embora incompreendido, em certos momentos, Graça Aranha na chama da patria, beleza e idealismo raras vezes restringiu o seu calôr.

Em determinados instantes o seu espirito mais se torturava.

E como que parecia desanimar.

Mas a lembrança do Brasil, mesmo que residisse na aridez panoramica da Escandinavia, lhe dava novas energias.

A reação, prestes, se operava.

A pátria, rediviva e progressista, iludia a desilusão momentânea.

E mataborrava as angústias morais e espirituais.

Viveu toda a vida intensíssima a assimilar as nossas mais frementes questões simbiológicas e morais.

Foi por isso mesmo, um dos expoentes mais representativos de nossa cultura.

Personalidade marcante na estética.

E de grande relêvo social.

Porque poderia ser como Lima Barreto um dos expoentes literários do Brasil.

Mas, como expressão social — um pobre diabo.

Graça Aranha foi a alma da renovação teórica estética brasileira.

Do Amazonas aos Pampas a voz quente e sincera reboou em 1924.

O colosso agitou-se.

Ao receber na barriga a forte esporada.

Os velhos tiritaram.

Os moços, que ainda chupam os este-reis canones dos museus gregos ou das catacumbas de Roma, como as crianças chupam os dedos, entraram em estado comatoso.

Os sonhos graçaranhistas alcançaram um Brasil dinâmico.

A competir nos terrenos físico, intelectual,

moral, scientifico, social, estetico e espirital
com uma das nações lideres do mundo atual:
os Estados Unidos da America do Norte.

Para isso, já somos os Estados Unidos
do Brasil.

Idealizou um país novo.

Onde labutaria povo consciente, diri-
gido pelas verdadeiras mentalidades, impe-
rando perfeita selecção cultural.

Onde os parafusos e as porcas bem se
correspondessem.

E não como agora.

Um parafuso creoulo.

E uma porca franceza (salvo seja).

Não comprehendia as literatices meramen-
te vegetativas.

Nem o sectarismo fatal de Paris.

Ou de Nova-York.

Nem o panico das “mães dagua”.

Padrões novos.

Renovação e inovação no espirito tradi-
cional indigena em todos os lotes da operosi-
dade humana.

Revisão total dos valôres.

Desafôgo de nosso sentimentalismo gan-
grenoide.

Reforma da cultura estetica.

Vida Nova.

Revelação da extrema-esquerda literaria.

Mais ignorada do que a extrema-esquerda futebolística.

Não fôsse Graça Aranha conhecedôr profundo de Swift.

E deleitava-se com as suas geniais tiradas.

Não apreciava, entretanto, Eça de Queiroz pela estreiteza de seu alcance social.

Empolgou, por isso, todas as inteligências moças e livres do Brasil.

E os velhos de criterio.

De cultura sem naftalina.

Chanaan e *A Viagem Maravilhosa* tem o mesmo arcabouço estético, o mesmo apogêo espiritual, a cultura poliformica e o senso profundo e inato de renovação.

Chanaan é a brasilidade em seus reflexos profundamente humanos.

A Viagem Maravilhosa é a “mise au point” de nosso cabocismo, bandeiras, desorganização mental, pelas consequências imediatas e longinhas do conflito universal de 1914-1918, reforma da Constituição, estuprada pela inconsciência regional e as naturais reações humanas ao despotismo humano.

Ambos são livros renovadôres.

Revolucionarios, embora ficasse apenas nos livros.

Ambos criações estéticas privilegiadas.

Onde se espraíam patriotismo, beleza, civismo, entusiasmo, educação.

Graça Aranha cercou-se de literatos da vanguarda.

E os da retaguarda, que pretendiam evoluir.

Injetou mercúrio intra-venoso nas Academias de Letras indígenas.

Que eram de uma tagarelifera monotonia.

Mais monotonas do que os discursos idealistas padiolantes da falecida senhora Camara dos senhores Deputados.

Ou as aulas de certos catedráticos universitários.

Traçou, prévia e conscientemente, o alvo. E atingiu-o também conscientemente.

Embora, por vezes, sofresse empurrões e tropelias.

Os imperativos categóricos da herança nordestina, as desgraças adormidas no inconsciente das zonas flageladas e esquecidas da tirania republicano-democrática, deram-lhe a tempera moral e a impetuosidade de suas decisões.

Mas profundo tato estético e político.

Literato e político se relacionam em seu Eu num prisma único em nosso meio.

Chuchou todo o teatro de Aristofanes, cujo personagem central é Sócrates.

Onde se mira a velha sociedade.

Embora Graça Aranha não simpatizasse com o genial escritôr grego.

A assimilação aristofanica despertou-lhe a linfa potencial para alvejar os pontos vulneraveis da coletividade brasileira.

Mas, em vez do sulco de referencia passar por Socrates ou Farias Brito, muitas vezes, cortava em cheio o Sr. Graça Aranha.

Dada a sua egofilia.

Poucas vezes, entretanto, se intimidou ou descorçoou, quando sanguinava as paginas amargas da realidade nacional.

Poucos momentos tambem se apegou ás artimanhas sofistas.

Quasi sempre espontaneo.

Foi discutido.

Apedrejado.

Mas qual a personalidade de valôr que não sente as cusparadas e os dardos dos apoucados e invejosos?

Coroaram-se, assim, as glorias artisticas.

Evidentemente *Chanaan* tinha que desagradar aos parvulos.

Como *A Estetica da Vida, Espirito Moderno, A Viagem Maravilhosa*.

Dizem nuas verdades.

Fazem-nos, em tantos casos, subir o rubôr ás bochechas.

E ainda bem que aparece o rubôr.

O que indica que nem tudo está perdido.

O marasmo necrobiosava a nossa este-
tica.

Tudo e todos copiavam desavergonhada-
mente.

Surge *Chanaan*.

Dá-nos profunda massagem prostática
elétrica em nossas Artes.

As opiniões incendeiam-se.

Os dorminhôcos esfregam, de pressa, as
palpebras remelentas.

As discussões são as mais disparatadas.

Graça Aranha sorri.

Do atrito das idéas só lucrámos.

Das boas e das más idéas.

Das controversias, algumas por demais
pueris, outras insensatas, só houve vantagens.

Os que até então olhavam Paris ou
Londres, julgando todo o Brasil, apenas a
Avenida Suburbana, começaram a enxergar e
pensar na pátria oprimida e esquecida.

Mesmo que muitos pedissem ao vizinho
os olhos de miopes.

Miopes visuais e genito-cerebrais.

Muito valeu, quanto á potencia sexual, a
massagem prostática de *Chanaan*.

Os outros livros de Graça Aranha fize-
ram o efeito das injeções de orquípina.

Completaram a terapeutica.
Todos tiraram as suas casquinhas.
As proprias mulheres tambem tiveram o
aparelho genital estimulado.
A nacionalidade vibrou.
Energia, vivacidade, evolução.
Eis o que devemos ao maranhense.
Ao mestre da juventude brasileira.
Porém mestre que não usa palmatoria.
Nem rapé.
Mentalidade creacionista.
E de reforma cultural.
Sequioso de Liberdade, Movimento, Idea-
lismo, Renovação.
Vitoria integral.
“Full-time”.
Duas gerações lhe devem a Vida.
Do contrario nasciam mortas.
Fétos inviaveis, sem a opoterapia massiça
do graçaranhismo.
Espirito de escól.
Os moços idolatravam-o.
As mentalidades academicas, embora re-
pudiando as idéas e ideais, respeitavam-o.
Mesmo que sorrissem de suas arrancadas
edúchavianas.
Os seus depreciadôres não o entendem.
Porque não o podem.
Ou não querem entender.

Falta-lhes o alcool-motôr.

Dele se diverge pela antipatia das idéas
(pernosticismo inglorio de *Malazarte*).

Ou birra pessoal.

Porque não se perdôa a quem possui in-
teligencia.

E dinheiro.

Ou, peor, os dois fatôres juntos.

Crime pavoroso.

Mas acata-se o esplendôr de sua Arte in-
dividual.

E o poder de gerar discipulos sinceros.

Só os fracassados, ou os deficientes das
glandulas testiculares ou ovaricas, ridiculari-
zam o alcance social de seus volumes mais si-
gnificativos.

Que desfrutam firme prestigio na opinião
publica sensata.

Quem o olhasse, mesmo de relance, etique-
taria logo o tipo danunziano.

Isto é, o anormal.

E, por isso, de traços, em tantas ocasiões,
geniais.

Com o ruido impertinente de *A Viagem
Maravilhosa* Graça Aranha podia bisar o pen-
samento de Oscar Wilde: "quando todo o
mundo está de acôrdo comigo sinto que não
tenho razão".

Resoôu em todo o Brasil.

Consolidou o renome do mestre.

Só lhe restava morrer quasi fulminantemente.

Foi o que fez.

Ou lhe fizeram.

Ainda para mexer com o terra a terra quotidiano.

Os grandes homens, que, desgraçadamente, se nivelam aos imbecis na morte fisica, precisam um trespasse peculiar e comovente.

Graça Aranha morreu a grosso.

Edison morreu a varejo.

Pouco importa o desaparecimento material.

Todos os espiritos livres evocam a sua obra como a de uma das mais altas mentalidades de nosso país.

Tão parco em figuras de seu timbre.

Originalidade.

Franqueza.

Rebeldia aos antiquados processos academicos.

Sem peias artificiais.

Dogmas servis.

Ou monotonias do classico.

Progressismo estetico.

Embora amasse todas as obras de Arte.

E, como tais, perpetuas.

Mananciais de bom gôsto, inspiração e critério.

Sem escolas.

Sem chefes.

Chefes apenas os chefes de trem.

Ou, ainda melhor, os chefes de secção de nossa amolentada burocracia.

Animo creadôr.

Culto da fórma evoluçionista.

Perfeição das Idéas.

Ideal sem sabujices.

Sem modelos fixos.

E artificiais, como a valorização de nosso café.

Coisas novas

Fatos novos.

Pensamentos novos.

Ineditismo.

A machucar os calos inflamados dos vidraceiros, que, á noite, envidraçam a prosa ou o verso e encontram editôres famelicos da nóta.

Ar livre em todas as estesias.

Movimentos livres.

Sem proteticas cintas.

Arte pessoal.

E não rapazinhos simpaticotonicos e rapariguinhas amenorreicas a imitar ainda hoje o Sr. Fagundes Varela.

Ou a senhõra Condessa de Noailles.

Quando um pouco de suprarenina, associada às empolas de testormon e alguns comprimidos de Tiroide, “normalizariam” estas creaturas.

Em Graça Aranha, intelligencia, sensibillismo e instinctos se consorciaram.

Em alguns escritõres prepondéra a intelligencia.

Outros descarregam no sensibillismo.

Ainda em outros os instinctos são a pedra de toque da estetica.

O maranhense era uma especie de avizo farmaceutico: misture e mande.

Sonhando um Brasil ressurrecto, exerceu tambem o mandarinato literario.

Obra sedutora.

Pessoal.

Estilo dextro.

Sonhou.

E realizou.

Os sonhos “a estrada real do inconsciente”, para Freud, são os anjos da guarda do sono.

Esmiuçando-os, realizamos arte, litteratura, ciencia, medicina, em referencias aos instinctos, estigmas hereditarios, humôr, temperamento, etc.

Graça Aranha é freudiano.

Breuer ligou, pela primeira vez, psicologia geral e psicanalise.

Freud aprofundou-o.

Tereza e Maria são a concretisação de idéas e atos *simbolicos*.

E os *simbolos* representam as idéas conscientes, substitutas de outras idéas inconscientes.

O cleptomano, que surripia uma pêra e, daí a momentos, joga-a fóra, ou Felipe, Lentz e Tereza, *sublimam-se* nos “motivos” sexuais.

As suas aspirações inconscientes, oriundas na quasi generalidade dos *complexos* de *Oedipo*, atestam os vestígios das psico-neuróses da infancia.

Maria (*Chanaan*, pag. 292), é a que mais se refina nos “inconscientes desabafos”.

As nuances freudianas pepitam nos seus suspiros.

Ou nos silencios.

Tereza segue-lhe as pégadas.

No “coração que batia vivaz”, no “rosto que ficava quente”, “na boca sorrindo para longe”.

Destas lutas inconscientes, de onde partem, aliás, todos os fócios inspirativos da Vida, sejam elevados, sejam ignominiosos, Graça

Aranha foi buscar a nascente dos rasgos esteticos mais rebuscados.

São as chacinas eternas dos elementos não acessíveis á consciencia.

Neuróticos e fronteiros, eis grande parte da humanidade.

Como a entremostra o cateterismo do inconsciente, partindo da hemi-responsabilidade dos tarados infantis.

A desvendar um mundo de ilações práticas.

Milkau, que é quasi a radiografia de Graça Aranha e Thereza dão-nos os mais frisantes atestados das *resistencias* freudianas.

Isto é, os jogos de forças mentais em antagonismo na alma humana.

As consequentes *repressões* (*resistencias* e *repressões* equivalem ao “das Unbewusste”, ou o “não apreendido”) indicam os empecilhos primitivos do individuo quando se devassa parte da psique.

Felipe fornece-nos tambem exemplos perfeitos.

Graça Aranha, sem o querer, pulverizou em seus personagens mais vividos este inconsciente dinamico.

A psicanalise é a psicologia genetica.

Ou, melhor, a propria Vida.

Das psico-neuróses das crianças, emana-

das das observações de Breuer e Freud, sobre as histericas, remodela-se toda a vida humana e social.

Mas a psicanalise não foge ao determinismo científico.

As questões mais escabrosas, para as quais o gôto do maior publico pende sempre, se metamorfoseam, assim, em obras de Arte.

Freud teve um antecessôr: Breuer, ha longos cincoenta anos.

Breuer tambem foi antecedido: Aristoteles, com a teoria da *catarse*.

No Brasil, fóra do ambito científico, Machado de Assis, puramente tectonico, José de Alencar, mixto (tectonico e atectonico) e Graça Aranha, mais tectonico do que atectonico, fizeram freudismo tão naturalmente como o pancreas secreta os hormonios diabeticos (1).

Intuitivos.

Ninguém sente os hormonios correr.

Mas ninguem duvida deles.

Estão longe de Balzac, puramente extrospectivo.

Emquanto pareça á primeira vista literato mixto, sempre a catar ao redor de si os

(1) — Americo Valerio — “Machado de Assis e a psicanalise”, 1930. — Americo Valerio — “José de Alencar (Freudiano)”, 1931.

personagens que animou em a *Comedia Humana*.

Tão máu psicanalista como prosadôr máu. Machado, Alencar e Aranha pescaram dos proprios residuos inconscientes o material plastico de suas obras.

Sem qualquer termo de comparação, entretanto.

E ocupando o principado de nossas letras em todos os tempos Machado de Assis.

O erro de certos escritôres e criminologos é encarar o freudismo como problema moral.

Quando é, acima de tudo, puramente psicologico.

Nas quédas espontaneas ou forçadas pelo meio, tendencias pervertidas ou amorais do consciente, traduzidas no medo, odio, amôr, ciume, ou vingança, ainda os codigos atrazados colam um artigo ou paragrafo de leis rigidas e anacrónicas.

Quando se deveria entregar o paciente ao psicanalista criterioso, para dissecar e interpretar as reacções dos instinctos biologicos e defeitos hereditarios.

E' o profundo revoluteio da humanidade atual, acuada pelas miserias economico-financeiro-sociais dos trustes, prostituição e falta

de mercados consumidôres, o que explano em um de meus livros (1).

A aceitação do freudismo é quasi geral.

As pseudo-religiões e as indoles conservadoras ainda têm certo asco das ciencias freudianas.

Mas as trevas vão se dissipando.

Os trabalhos enxameiam em todo o mundo.

Verdadeiro monumento científico surge depressa.

A *Biblioteca Psico-analitica Internacional* em inglês, publicada pelo Instituto de Psico-analise e pela Hogarth Press, é o documento mais expressivo da época cultural que atravessamos.

As obras de Freud e seus discipulos vertem-se para os idiomas manejaveis facilmente.

Anatomizam-se os subsidios artisticos inconscientes dos chefes da humanidade que pensam e que agem conscientemente.

Os inqueritos do inconsciente preocupam todos os espiritos que pretendem ser uteis ás coletividades.

Por certo, ha exagêros.

Mas as tranças excedentes serão cortadas, como já o foram as madeixas femininas.

(1) — Americo Valerio — “Meu Brasil”, no prélo.

E a psicanalise prestará incalculaveis beneficios ás artes, ciencias, literatura, medicina, etc.

Graça Aranha realizou a pura Estesia.

E' o virtuose da expressão plastica.

Com raras excepções, a nossa literatura era sedição.

Graça Aranha deu-lhe movimento e oportunidade.

Temas expressivos.

Não é vazio, regra geral.

Nem bombastico.

Relatou o que sentiu.

E sofreu.

Tinha a volupia da perfeição.

Em frases sob medida.

E do inatingivel.

Como outros têm a volupia dos esterlinos e dolares, hoje em knock-out.

Brigou com os fétiches convencionais.

Pois em Arte nos arrastavamos a reboque.

Plasmou, assim, Beleza, Ideal e Patriotismo.

Não queria brasileiros desterrados no Brasil.

Não foi uma especie de Herodes (com a permissão dos canones cupinados) quando perdeu a cabeça pelo feitiço de Salomé, despin-

do-a desvairadamente (a sua comichão marinetica).

O maranhense não perdeu coisíssima alguma.

Pelo contrario.

Lucrou a gratidão do país inteiro.

Outrora acorrentado estupidamente.

Muito peor sucedeu aos seus criticastros.

Que perderam a cabeça de verdade, como o pobre S. João Baptista.

Depois da fratura das velhas fórmias, a reputação de Graça Aranha cresceu ainda mais.

Salvo na critiquice opinioide dos linguiçeiros da Praça Onze.

A sua alma se contagiou de um quê especial.

Algun it.

Como o fascinio de certos atôres do cinema falado.

Arquitetou livros imortais.

A ele bem se applica a frase de Machado de Assis, colada tambem em seu monumento desgraciosissimo, onde o mestre, acororado pela aragem fria e medo de aborrecer quem quer que seja, num dos escaninhos do Petit-Trianon, não se póde escudar dos remóques e petelecos dos Carlitos indigenas:

“Esta a gloria que eleva, honra e consóla”.